

A DIMENSÃO DO ESPORTE SOB A ÓTICA DE SEU VALOR EXPLÍCITO E DE SUAS SUTIS E IMPLÍCITAS VIRTUDES.

Pesquisador Sênior e Coordenador: Professor Titular Istvan Kasznar – PhD

Exposição - Resumo

A presente corresponde à apresentação interpretada dos levantamentos estatísticos realizados no âmbito da compreensão das mudanças atitudinais e comportamentais do brasileiro no campo esportivo, entre os anos 2000 e 2008, com feições sociológicas.

Em 2000 iniciaram-se os levantamentos e as tabulações de dados, que forneceram uma base referencial comportamental sobre comportamentos do brasileiro para preencher seu tempo livre, com foco esportivo. Em 2005, renovou-se a pesquisa, ocasião em que ligeiras mudanças mostraram tendências, novos hábitos e interesses esportivos, em função da disseminação das informações, de campanhas de esclarecimento público e da promoção de grandes eventos, que motivam os cidadãos, tal como os jogos pan-americanos do Rio de Janeiro. Em 2008, ano das olimpíadas de Pequim, que atraem a atenção geral do público e geram significativo aparecimento de eventos esportivos na mídia, renovou-se a pesquisa e confirmaram-se ligeiras modificações comportamentais esportivas na população.

É nosso objetivo realizar estes levantamentos de forma regular, de tal sorte que ao longo do tempo se possam verificar as modificações nas preferências do público por atos de preenchimento do tempo livre, do uso do tempo para lazer e isto com foco no esporte.

As seções que seguem mostrarão os levantamentos e procurarão interpretar os principais movimentos que surgiram, com destaque para os principais.

Mais recentemente, este levantamento de respostas e condensação de dados sucedeu no ano de 2008, de 28 de julho a 29 de agosto.

Esta corresponde à terceira pesquisa multivariada do Esporte, em face do comportamento individual, da visão pessoal de mundo e de opiniões dos brasileiros sobre as combinações de Esporte com Saúde; Administração Pública; Administração de Empresas; Trabalho e Emprego; Alocação de Tempo; Preferências e Prioridades Pessoais; Valores; Cultura; Compreensão da Inserção do Esporte em sua Vida e da sua Comunidade; e assuntos correlatos.

Agradecemos o apoio importante e inestimável da CBV - Confederação Brasileira de Voleibol, na pessoa de seu Presidente, Dr. Ary Graça Filho, e de toda a sua equipe de Gestão e Administração, pelas importantes sugestões e idéias apontadas, com vistas a aperfeiçoar este levantamento e pesquisa.

Da mesma forma, agradecemos ao Ministro dos Esportes Agnelo Queiroz as entrevistas concedidas e a abertura de informações acerca de como procedeu ao Ministério, no período sob sua gestão, para incorporar valores sociais e comunitários mais amplos, de base, ao esporte brasileiro. Tornou-se bem evidente que o modelo de fazer chegar o esporte às populações carentes e de gerar infra-estrutura onde ela ainda não existe, podendo atingir e atrair uma significativa parte da população jovem de municípios carentes, especialmente os do Nordeste e do Norte do Brasil, corresponde a um objetivo de política pública esportiva bem destacada (op. cit. Queiroz, Agnelo, in: *Estratégia Vitoriosa de Empresa*, pgs 1 a 7).

Igualmente, agradecemos todo o apoio recebido da EBAPE – Escola Brasileira de Administração Pública e de Empresas, da Fundação Getúlio Vargas, onde está alocado o Núcleo de Estudos das Contas dos Esportes, NECE, com direção e coordenação técnica do Professor Titular Istvan Kasznar e do PROPESQUISA, que facilitaram e cooperaram significativamente na realização desta terceira etapa de pesquisa.

Também agradecemos os levantamentos estatísticos, tabulares, contábeis, telefônicos e por meio de entrevistas diretas, realizado pelos técnicos da *IBCI – Institutional Business Consultoria Internacional*, na pessoa da senhora Eliane Tavares e do senhor Rubens Gomes.

1) Introdução

O esporte possui uma importante posição, na forma de ocupação de tempo que é, no mundo atual e pós-moderno.

Configurado em sua forma conceptual e formal, que nos chega aos dias que se vivem a partir da primeira revolução industrial, sucedida na Inglaterra com marco referencial a partir do ano 1750 e revigorado pelo reforço tecnológico de grandes inventos ocorrido na segunda revolução industrial, cujo marco é o ano 1850, o esporte moderno visa a socialização e a aglomeração das massas.

Efetivamente, quando o Império Britânico expulsou das terras e glebas grande parte de sua população rural, miserável, pobre e sem meios, desvanecida e sem conhecimentos nem cultura, gerou entre os séculos XVI até o princípio do século XX uma mobilidade com feições de reassentamento poderoso e arbitrário para as grandes urbes, notadamente Londres e seus arredores, assim como as cidades industriais como Manchester, Liverpool, Birmingham e Glasgow. Essa mão de obra, barata, foi a salário aviltado trabalhar nas fábricas e produzir bens em escala inédita, gerando grandes ganhos ao capitalismo fabril e financeiro.

E com o bom rendimento dos produtos, a exportação às colônias se acrescia ano após ano, de tal forma que a mão de obra era absorvida também para o comércio e a colonização ultramarinas, gerando um certo equilíbrio instável, contudo mais para estável, entre a demanda e a oferta por trabalhadores.

Neste meio, a urbanização significou a derrubada das florestas marginais às grandes cidades; o uso dos solos para a construção de casarios, cortiços e edifícios; a produção de suntuosos palácios e a reserva de espaços públicos para praças, locais de união e encontros populares e guarda de terrenos para construções futuras.

O retorno de grandes estádios e de clubes, administrados com rigor e uma determinação hierárquica claras, no estilo militar, para lembrar as origens gregas e romanas do esporte, dos séculos 8 antes de Cristo e 4 de nossa era, se fez vigorar com firmeza.

No fundo, tratava-se de aboletar muita gente em pouco espaço, para a diversão geral e das massas. Posto que com a alta e a valorização das terras, o esporte haveria de ser feito pelos melhores, pelos atletas de alto rendimento, verdadeiros exemplos a serem seguidos e membros do raro conjunto de meios de promoção de diversão pública.

Não pode, portanto nos surpreender, que as doenças, as epidemias e os “males do século” continuamente afetassem as populações que iam sem meios, recursos e apoio público forçadamente buscar nas cidades o seu sustento. O esporte perdia sua feição popular, para ser praticado pela elite, que desfilava portentosamente ao cavalgar e dizer que fazia hípica; ao manejar sabres e espadas e declarar que exercitava esgrima; ou ao atirar sobre pombas mecânicas no que afirmava ser o tiro ao alvo. Estes exemplos de atividade, oriundos no passado recente de práticas de guerra, inseriram-se na sociedade vitoriana como uma nobre atividade esportiva.

Enquanto isso, em paralelo, o que se poderia oferecer às grandes massas? Espremidas nas *slums* na Inglaterra ou nas *bidon-villes* (favelas) na França de Paris, seria impraticável a oferta de espaço público para tantos cavaleiros ou amazonas. E menos arguto seria municiar uma população carente, que via as vantagens do comércio internacional engordar os lucros dos Rothschild, dos Mellon e de outras parcas famílias, apoiadas por um par de dignitários monárquicos, que depois viriam freqüentemente a cair, sendo depostos ou mortos por grandes manifestações de cunho popular ou de bases de pequena burguesia.

O esporte poderia aliviar as tensões, na compreensão das elites, se fosse de massa. E para tanto, bastaria que ele possuísse três predicados: ser fácil de praticar; ser divertido; e poder ser repetido à exaustão, mediante jogos e competições. Esse tipo de esporte por ser fácil, poderia ser jogado por todos, logo seria democrático e minimamente excludente na população. Ela se sentiria mestra e em condições de pensar, palpitar e opinar sobre as ações esportivas em andamento e as do porvir, nesses jogos e campeonatos.

A seleção esportiva das elites britânicas recaiu, então, não por acaso, sobre os jogos com bola. Não importava o tamanho da bola. Bastava ser uma bola redonda, fosse grande ou pequena. O importante é que lhe caberia mover-se descontroladamente ou sob a égide do controle e da atividade humana, num espaço dado e mais bem para exíguo, comparado com a conquista terrena feita a favor da concentração das moradias, das zonas comerciais e bancárias, das áreas portuárias e fabris e outras da organização pública e real.

Foi assim que surgiram e ressuscitaram-se o futebol e o tênis, entre outros. Eles eram jogos praticados em outras aglomerações, como a chinesa, no século XV anterior à era cristã. Com a tenaz e esperta percepção prática dos britânicos, os jogos foram modernizados, receberam regras e regulamentos, e todas as jogadas e lances receberam uns palavreados ingleses, que popularizaram ainda mais o idioma no mundo, com efeitos bem sensíveis até os tempos que correm.

E a China entende tanto de urbanização e conglomerados humanos, quanto de população agrária espalhada extensivamente. Sua história de seis milênios de sociedade complexa, assentada em hierarquias firmes e rígidas, revela uma grande habilidade em saber lidar com grandes grupos de humanos, onde infelizmente se esquecem os direitos humanos democráticos, e criar modalidades de ocupação e funcionamento laboral ou de distraimento, conforme as situações.

Os principais jogos sociais e de massas que aportaram no Brasil, vieram concentrados nessas bases e referências britânicas das duas revoluções industriais às quais nos referimos. Tanto o futebol quanto o tênis, são “britânicos na sua acepção moderna”. E o Vôlei veio sob seu manto norte-americano, quando este jogo era praticado mais fortemente na América, nos idos dos anos 20 do século XX, aquele da afirmação dos EUA como império, logo como novo ente criador, dominador e ofertante de inovações tecnológicas, inclusive no esporte.

Portanto, os esportes no Brasil receberam uma enorme influência do jeito e pensamento, comportamento anglo-saxão de ser. Pelas evidências, a capacidade de assimilação, recebimento, entendimento e cooptação nesses esportes, foi das melhores e mais elevadas do mundo.

O Brasil é campeão mundial e olímpico de Vôlei. Também é campeão mundial cinco vezes de futebol masculino. Nos grandes e principais jogos com bola, a considerar também o basquete, que nos últimos 20 anos lhe rende menos resultados, mostra grande competência e uma capacidade ímpar de renovar os seus escretas, de criar novos e mais super-atletas, a tal ponto que eles atuam com contratos milionários nas melhores ligas européias, asiáticas e das Américas (Kasznar e Graça, em Emigração e êxodo de atletas – CBV).

Decorre que no meio destas mudanças, até os nossos dias, fomos pegos e arrolados por um significativo número de novas mudanças, na indústria, no comércio, na tecnologia e outras, que naturalmente afetaram o modo de viver.

Se em 1905 apenas 5% da população brasileira era urbanizada, em 1990 havia 81% dos brasileiros morando em cidades (IBGE, Anuário -1991). E estes fatos modificaram os hábitos, as relações e as formas de se preencher o tempo no dia a dia. Logo, o tempo

aplicado em trabalho, atividades íntimas e pessoais e em lazer, que é associada sociologicamente à administração do tempo ocioso, também.

A aglomeração humana em grandes cidades brasileiras continua aumentando, conforme dados do período 1990 / 2005. Neste particular, estariam residindo nas doze maiores regiões metropolitanas do Brasil, 45,63% da população em 2005.

Esta concentração solicita uma nova ótica e aproximação à oferta de esportes, na medida em que requisita infra-estrutura esportiva onde mora e trabalha a população; solicita transporte para movimentar as pessoas e desportistas; implica na prática em lugares mais exíguos e caros, onde o metro quadrado disponível é calculado pela sua razão custo / benefício; e o atendimento da população, conforme suas características, de sexo, gosto, preferências, aptidões, entendimentos valorativos culturais, tempo disponível, idade, renda e outros fatores.

Neste estudo e pesquisa, o que se pretende é dar continuidade aos levantamentos empreendidos desde 1999, através da associação de atividades promovidas pela Confederação Brasileira de Voleibol – CBV, na Presidência do Dr. Ary Graça Filho; com apoio do Ministério dos Esportes, sob gestão do então Ministro Agnelo Queiroz, a quem agradecemos o fornecimento de dados e planos do esporte nacional; e do Núcleo de Estudos das Contas dos Esportes – NECE, da Fundação Getúlio Vargas, na Escola Brasileira de Administração pública e de Empresas, onde a coordenação e direção técnica das projeções esportivas recaem no Professor Titular Istvan Kaszmar.

Visa-se justamente verificar para onde se dirigem, com o passar do tempo, dadas as novidades, as informações adquiridas pela população via mídia e o aumento da educação formal da população, os valores básicos, os hábitos e as preferências esportivas, neste ambiente pós moderno, de início de século XXI e terceiro milênio e de globalização geral.

2) Transformação esportiva no mundo pós-moderno e globalizado.

O homem, pela sua natureza, é curioso e adere a mudanças que lhe façam bem e o satisfaçam.

Aberto às novidades, às inovações, busca quando lhe apraz a variedade, a diversidade. Esta mobilidade implica na redução da fidelidade a produtos e serviços, posto que a fixidez e o enrijecimento reduzem o conhecimento e a possibilidade de descoberta, aproveitamento, curtição e ganhos com as novidades.

No mundo pós-moderno do século XXI, a humanidade se defronta com o agradável desafio de fazer escolhas, ante uma profusão de novos esportes e atividades que lhe são oferecidas em ritmo crescente. Aos esportes clássicos, somam-se os esportes em que a tecnologia aérea, aquática e subterrânea propõem novos limites, assim como outros esportes na natureza, de risco alto, controlados em certa medida pelas inovações nos materiais mais resistentes.

São assim muitas as dúvidas sobre o que sejam atividades realmente e especificamente esportivas. A arrolação de atividades pode ser muito ampla e ela depende de uma definição.

Essa definição, do que é esporte, não é bem apresentada, nem assimilada, nem nas organizações olímpicas, nem na Comunidade Econômica Européia, nem nos foros regulares do esporte. Aí, não vai uma crítica, posto que o esforço em encontrar uma boa definição do que seja o esporte é universal e colossal. Simplesmente, não é óbvio, simples e direto enquadrar atividades humanas numa definição estrita, limitada de esporte.

Nesta pesquisa, seguindo nossas definições de 1999 em diante, estimuladas por discussões no NECE / FGV – EBAPE, entende-se que é esporte “toda atividade humana que exercite o corpo, a mente e a alma, gerando estímulos físicos e mentais ao seu praticante, que o equilibram e harmonizam com a natureza humana, em ambientes socialmente abertos e fechados, aceitos nos preceitos da boa conduta e interação social e comunitária”.

Há, portanto um eixo de orientação que damos ao esporte, onde a mobilização pessoal em ambiente social, comunitário, se realiza. Deste ponto de vista, o sexo não é encarado como uma função esportiva.

Em marketing, uma das maiores preocupações dos mercadólogos não reside em conquistar clientes ou aumentar as vendas por uma vez apenas, por uma tacada. O principal é manter, sustentar a relação com o cliente e gerar fidelização (Kotler, Philip).

Na medida em que um novo produto ou serviço surge, o concorrente logo procura gerar um valor adicionado aos seus clientes efetivos e potenciais, sob o risco de, não o fazendo, perder a sua clientela. E descobrir que nos tempos atuais, ela não é tão cativa como se imagina e pensa. Decorre que as empresas e sociedades competitivas do mundo pós-moderno são significativamente criativas e buscam a diferenciação.

Esta parece ser uma certa contradição dos modelos pós-modernos de produção. Por uma lado, dada a globalização e as economias de escala inerentes aos modernos sistemas de produção, onde é preciso minimizar os custos fixos e variáveis unitários de produção no mundo inteiro, atua-se na direção do produto único, homogêneo, igual em qualquer parte do planeta. Por outro lado, a homogeneidade cansa rapidamente a população, o consumidor, e age como um promotor de mudanças, de diferenciações, que gera *upgrades* ao produto e mantém o cliente interessado em conhecer e consumir os produtos.

Quem não resiste à onda de investimentos, inovações e promoções que se hão de fazer para anunciar e fazer conhecer o produto sai fora do mercado, ou passa por fusões e aquisições, ou vira peça menor da engrenagem do capitalismo moderno.

O consumidor sabe que seu tamanho, na ordem individual, é ínfimo e insignificante, ante as potências das políticas das nações, das transnacionais e das empresas globalizadas. Contudo, ao organizar-se em classe, através de associações e ao dispor da Lei a seu favor, sua força e influência aumentam, a ponto de poder dobrar os ditames organizacionais.

Neste quadro, o consumidor pós-moderno é mais instruído e ciente de seus direitos e obrigações. Ao menos, seria isto e esperado.

Por meio desta pesquisa, busca-se verificar em que situação se encontra o pensamento, a percepção, a adaptação, a prática do brasileiro, *vis à vis* ao esporte.

Com rigor, montou-se um questionário que vem mantendo as suas feições originais desde o ano 2000, quando a pesquisa foi realizada pela primeira vez. Nesse questionário, a IBCI, a CBV e o NECE estabeleceram o modelo analítico de prospecção esportiva a ser seguido; um questionário básico e geral, aplicado direto numa amostra de no mínimo e efetivamente 2000 pessoas, morando em todas as macroregiões do Brasil; e válvulas de abertura de respostas abertas, para captar eventuais respostas que os questionários não tivessem antecipado, o que sucedeu de forma bem rara e portanto pouco significativa.

Preocupação especial do questionário recaiu sobre uma realidade complicada existente no Brasil. O país não é desenvolvido, contudo também já ultrapassou as definições clássicas de subdesenvolvimento. Conforme as definições e os dados do Banco mundial, de 2007, o Brasil é um país emergente, em vias de desenvolvimento, que possui certos nichos de desenvolvimento que contrastam com localidades de extrema pobreza.

Membro dos BRICs, um anagrama que reúne países de grande porte territorial e significativas populações, como Brasil, Rússia, Índia e China, o Brasil cresceu pouco nas

décadas de 1980 e 1990, a taxas do Produto Interno Bruto – PIB de 3,6% e 3,2%, que freqüentemente receberam a cunha de décadas perdidas. A China experimentou taxas de 12% ao ano, na média dos anos 90, o que representa um arranque sem precedentes e a busca por uma posição de segunda maior economia mundial em 20 anos, até 2018, quando terá ultrapassado o PIB do Japão, mantidas outras condições constantes.

Assim, bom indicador neste sentido é o do IBGE, que mostra que em 1980 os 10% brasileiros mais ricos obtinham e concentravam 52% da renda nacional para si, enquanto os 10% mais pobres se assenhoreavam de apenas 0,65%. Os indicadores de concentração de renda melhoraram levemente no período pós-estabilização monetária, com o advento do Plano Real de 1994, de tal sorte que em 2002, último ano do governo Fernando Henrique Cardoso, os 10% mais ricos detinham 47% da renda e os 10% mais pobres haviam ascendido para 0,85%. Em 2006, no governo do Presidente Luis Inácio Lula da Silva, essa distribuição teria acelerado a sua melhoria, de tal forma que os 10% mais ricos detinham 45% da renda e os 10% mais pobres obtinham 1,2%.

Qualquer que seja a ótica e a análise, o fato é que existe um gigantesco fosso entre os mais ricos e os mais pobres. Houve mudanças na renda, mas não na propriedade nem no regime de se fazer fluxos financeiros e monetários com o uso e a extração admitida pelas empresas e profissões liberais.

Deste modo, as médias perdem sentido na análise estatística, no país, pois os diferenciais, os hiatos entre os mais pobres e mais ricos são muito elevados. Basta dizer que o Brasil tem, conforme os relatórios do Banco mundial, de 1970 em diante uma das cinco piores distribuições de renda do país.

O que isto significa? Aonde se quer chegar? Ao fato de que modelos econômicos, políticas econômicas e políticas públicas adequadas para sociedades mais evoluídas, desenvolvidas e com menores desigualdades sócio-econômicas, como a européia e norte-americana, não possuem a mesma adaptabilidade e utilidade num país no qual grande parte de sua população é miserável e há de ser resgatada.

O resgate há de se dar através da ação ativa e firme do Estado, voltado a uma governança que redima a população de baixa renda da pobreza, permita um assistencialismo disciplinado e sério que tem tempo estabelecido para fazer medidas, maturar e acabar, para não virar um regime eterno de benesses de Estado, e que saiba agir em parceria com a iniciativa privada, mais eficiente, para que esta venha a gerar mais riqueza e empregos produtivos na razão e na capacitação de sua expansão.

Ante este cenário e realidade, é de se esperar que existam diferenças nas respostas dos entrevistados, conforme a classe econômica, o local, a idade, o sexo e outros fatores diferenciadores levantados nesta pesquisa.

A classe rica, abastada, possui significativa informação e possui meios para exercitar o lazer, o culto à diversão e com isto as atividades esportivas. A classe menos abastecida, dos pobres, necessita do apoio público, governamental, de Estado, para adquirir cidadania e usufruir e entender os benefícios do progresso pós-industrial e pós-moderno.

Sem a presença do Estado, em seus três níveis, federal, estadual e municipal, a classe pobre mantém-se na inércia, numa agonizante situação que lhe tira o prazer de viver, num mundo em que os progressos tecnológicos, da saúde e da farmácia moderna aumentam a expectativa de vida. Na verdade, aumenta a expectativa de vida, o prazo de vida e o sofrimento em vida, de ao menos 35% de brasileiros, o que há de ser combatido e tratado com objeto de prioridade nacional (vide Paul, Gustavo).

3) Efeitos da modernização, da urbanização e da vida em aglomerados.

O tratamento e os estímulos dados às populações urbanas que vivem em grandes aglomerações metropolitanas, onde milhões de vidas se cruzam diariamente no trabalho, nas ruas e nos meios de transporte, é diferente daquele que se podia adotar quando a sociedade vivia num bucólico clima rural.

Às estruturas clássicas, de estilo anglo-saxão, dos clubes, associações e federações, que sabem com esmero e qualidade prover, promover e orquestrar os esportes das elites e para elas, com sutis evoluções para transformar esportes da bola em shows visuais de grande interesse das massas, foi preciso somar a educação esportiva escolar ginásial e a atuação do estado.

No Brasil, mais recentemente, após o modelo centralizador e ditatorial getulista, cunhado nos anos 1930-1945, em que o modelo de educação admitia e estimulava a educação física para todos, esse movimento perdurou, até seu esgotamento ocorrido no ocaso do modelo militar ocorrido entre 1964 – 1985. De 1986 em diante, no modelo democrático, uma oferta mais aberta, livre e sem imposições foi se desenhando, o que se por uma lado edificante e fundamental propiciou a fundamental volta ao regime de escolhas democráticas, por outro aboliu a prática da educação física nas escolas, o que pode ser lido como um retrocesso. Até porque, educação física traz em seu bojo educação, civilidade, melhoria de comportamento social e amplitude de convívio entre os pares e semelhantes.

Diversas mudanças beneficiaram a assunção de mais responsabilidades esportivas pelo Estado. Em 1988, a nova Constituinte emitiu a Constituição Democrática brasileira, que descentralizou as funções e atribuições do estado, a favor de estados e municípios. Contudo, não remeteu as verbas públicas associadas às necessidades de sustentação de numerosas ações e atividades públicas, nos níveis estaduais e municipais. Isto até em nossos dias se constitui num gargalo de ordem maior, para a aplicação de políticas que atinjam genuinamente necessidades locais. Elas podem ser bem identificadas, contudo por razões alocativas e de interesses políticos, nem sempre se efetivam e aplicam os recursos e meios necessários, que assegurem a realização dos projetos no quadro de suas efetivas necessidades.

As atividades esportivas sofrem com isto. Cria-se uma relação de dependência que prejudica justamente nos municípios mais pobres, os mais pobres dos brasileiros.

A Lei de Responsabilidade Fiscal veio a pôr certa ordem no descalabro das finanças públicas estaduais e municipais. A ordem de gastar depois de adquirida a dotação pública calou fundo e de 2000 em diante progressos notáveis sucederam nas contas públicas. Contudo, segundo estudos do IBGE e da Secretaria do Tesouro Nacional, que abrem e disponibilizam dados municipais orçamentários (BIM e SMC-STN, respectivamente) de boa qualidade, dos 5.563 municípios ativos existentes, aproximadamente 1.400 possuem meios de equilibrar as suas finanças. Os demais, sobretudo da região nordeste e do norte, são cronicamente deficitários e acorrem ao governo federal, para fechar suas combalidas e estruturalmente deficitárias contas por período indefinido.

Desse modo, 4.163 municípios são dependentes das ações federativas. E no esporte se dá o mesmo. A demanda e a ocorrência ao Estado é enorme. Ora, com um orçamento público anual esportivo federal médio, entre 2003 e 2007 de R\$ 360 milhões, é difícil fazer o necessário e justo provimento, para fazer face às necessidades da população.

É preciso agir em parceria com a livre iniciativa. Senão, a frustração das expectativas do consumidor, do cidadão, é certa.

Há pouca verba, para muita demanda e uma carência grande de infra-estrutura esportiva, conforme mostrou o primeiro Censo Estatístico do Esporte, promovido pelo IBGE

em 2003. Mostrou-se neste que a infra-estrutura esportiva se concentra no Sudeste e no Sul do Brasil, justamente as regiões mais ricas e abastadas, onde estavam 71% das facilidades esportivas no ano de 2001.

4) A complexidade esportiva e suas múltiplas definições.

A rigor, o que vem a ser esporte? Toda atividade que movimente, acione, faça vibrar, alterar, estimular e cansar o corpo humano, a mente e a alma. Talvez esta fosse uma boa definição, não fosse o fato de que por consenso, quem viaja de carro, ônibus, avião ou barco experimenta as mesmas sensações, mas nem por isso pratica um movimento que lhe prometa bem-estar (stress de viagem); bom movimento muscular (pelo contrário, o ato pode ser gregário e a circulação sanguínea é posta a prova); ou equilíbrio da mente (o estado psicológico no trânsito pode beirar a desesperança e o medo, no Brasil, onde na média dos anos 1988 / 2006 morreram nas estradas 33.182 pessoas por ano (Estatísticas consolidadas do Ministério dos Transportes).

Desta forma, encontrar uma definição abrangente, que agrade a todos os analistas, especialistas e envolvidos em atividades esportivas ainda é uma busca sem sucesso pleno. Isto, porque a inserção de atividades humanas no contexto humano é muito ampla.

A rigor, numerosas formas de ativação do corpo poderiam ter conotações e caracterizações esportivas, e ainda assim não foram enquadradas como esportes, por razões estéticas, artísticas e culturais. Este é o caso da dança, do ballet, do canto dançado e afim. A movimentação corpórea existe. A geração de esforços do físico se verifica com insistência. O treinamento pode ser rigoroso e cansativo, solicitando corpo, mente e alma.

Mas nem por isso, classifica-se o ballet ou a dança como esporte.

Contudo, nas olimpíadas mais recentes, na ginástica rítmica encontra-se claramente um elo, uma ligação forte, entre os exercícios típicos da ginástica e do ballet clássicos, movidos a música.

A combinação de elementos, de artes e de modalidades amplia o círculo produtivo esportivo e cultural. Na medida em que o homem controla melhor a tecnologia, ele inventa e experimenta novidades, que vão oferecendo novas modalidades esportivas, algumas bem radicais, a quem desejar e se aventurar. Assim, o homem pós-moderno inventou o surfe nos céus, ao usar uma prancha de surfe e um pára-quedas ao singrar os céus após sair de um avião.

Na pós-modernidade, havemos de admitir que uma quantidade imprecisa de modalidades esportivas aparecerá. Algumas durarão pouco, saindo de moda e serão lembradas como curiosidades, um momento a mais da busca eterna pelas novidades. Outras virão para ficar, porque cairão no agrado público, serão de domínio público e facilidades de prática pessoal e ambiental, com infra-estrutura e outros meios adequados, permitirão que elas se desenvolvam.

É então lógico que a população modifique o seu mapa de preferências temporais no que diz respeito à sua alocação de tempo em esportes. Quando estes são mais e melhor divulgados pela mídia, pelos governos e autoridades educacionais e da saúde e quando os preços de sua prática caem, é bem possível que partes da população se desloquem para as novas oportunidades oferecidas.

Todavia, não é fácil este movimento de deslocamento. Esportes clássicos, consagrados, ficam na ponta das preferências por décadas, centenas de anos, e, portanto potencialmente, por tempo indefinido.

O que leva estes esportes, que dizemos serem clássicos e cuja melhor grade é dada nas práticas das olimpíadas, a serem tão benquistos, estimados e queridos? Porque caíram na graça do povo, do público, enquanto outros esportes nem tanto são preferidos.

Este é o caso do Vôlei; do Futebol; do basquete; do tênis; da natação e de outras modalidades, que serão apresentadas e citadas ao longo do artigo.

Nossos questionários e perguntas visam também responder isto, com uma ponta de luz.

O conforto dos lares; a televisão que sedentariza; a preguiça pessoa; o cansaço que se sente ao praticar um esporte; a violência ou força exigida em certas modalidades, como nas artes marciais, podem ser fatores a considerar, enumerar e verificar por meio de respostas se de fato explicam preferências, tendências e gostos populares e gerais.

5) A alocação do tempo individual e da comunidade.

Afirmava o antigo e bem estatuído pensamento aristotélico, que o homem há de atentar às proporções, ao tamanho e às suas especificidades particulares, na hora e no momento de decidir o que fazer com a vida.

Neste sentido, Aristóteles lembrava que “temos dois ouvidos e uma boca, logo é para ouvir duas vezes mais do que falar”, o que na maioria dos casos é um sábio ditado.

Contudo, na hora da alocação do tempo, ao longo de um dia ou de uma vida, as proporções e as decisões alocativas tornam-se bem mais complicadas e o simplismo perde o sentido.

Como preencher racionalmente, corretamente, de forma que dê prazer e resolva as necessidades de afirmação sócio-econômica, o tempo do homem moderno? O que fazer com 24 horas diárias de tempo? Na era do homem livre, que decide por si só, que é dono do seu tempo, o que fazer e como preencher as 24 horas diárias.

Na época de Aristóteles, trabalhar não era atividade de nobres nem de pensadores e menos ainda de políticos. Trabalhar era um assunto forçado e quando possível, além dos pequenos trabalhadores livres (os correspondentes aos autônomos da nossa era), maximizava-se nas sociedades dominantes o trabalho escravo. Este não era um homem livre, precisava trabalhar às vezes 18, 19 horas por dia, e no fim deste, alquebrado, agonizado, necessitava recompor suas forças com má alimentação e moradia, para repetir e fazer o que lhe impunham, obrigavam e exigiam. A motivação para trabalhar, dos escravos, era nula, senão muito baixa. E o lazer era uma mera quimera, um sonho, um desejo, na maior parte das vezes não realizadas.

Naquela época, os gregos propuseram um interessante composto temporal, para o gasto do tempo. Diziam eles em 552 antes de Cristo: “O homem precisa de trabalho – atividades nobres; lazer – diversão e ocupação do ócio; e tratos pessoais – dormir e se tratar”. “Logo, que reparta o tempo diário equitativamente, em três partes iguais e de 8 horas cada”.

Naturalmente, os críticos de plantão logo observarão que embora simples, praticável e boa, posto que para uma média da população, esta solução se abstrai quanto a certos pontos: esquece dos *workaholics*, que amam trabalhar e provavelmente ganhar dinheiro, que maximizam o tempo de trabalho e vão das 8 horas para 10, 12, 15 o que é doentio e não recomendável, mas a ambição pode dar outros resultados; esquece dos que possuem insônia ou necessitam dormir e se tratar menos de 8 horas por dia; e questões afins.

Na Microeconomia moderna (vide Simonsen, Mário Henrique), contrapõe-se a curva lazer-renda. Parte-se do princípio que o indivíduo enfrenta um *trade-off*, um tipo de paradoxo

e de contradição, que ele necessita otimizar segundo as suas preferências pessoais. Se preferir muito lazer e “*la dolce vita*”, auferirá por um tempo um maior prazer de viver, se divertirá mais, terá mais atividades lúdicas e que lhe dão satisfação, às expensas das poupanças pessoais, que se esvaziarão (em condições de uma pessoa normal, média, com reservas módicas). Caso por outro lado o indivíduo opte por obter mais renda, trabalhando, e na suposição de que o mercado de trabalho esteja contratando e precise de suas habilidades, ele poderá expandir sua oferta de tempo no trabalho, e ganhará mais dinheiro com esta atitude. Vai se forrar mais, formará poupança para fazer investimentos, ou terá mais dinheiro para consumo. Em compensação, provavelmente ficará mais tristonho, irritadiço, sedentário, gordo, sujeito a doenças cardiovasculares, e menos abençoado pelas atividades divertidas do lazer, do esporte, da música, da dança, da leitura ou da enogastronomia.

Cabe então ao indivíduo indagar e responder: dado o meu mapa de preferências pessoais, o que quero e como combino o meu tempo? Tendo mais a preferir renda, a lazer, logo sou de perfil *workaholic*, ou tendo mais a preferir lazer a renda, logo quero levar “*la vie em rose?*”.

Conforme a idade, o ciclo de vida, a cultura, a bagagem informacional, a renda, a poupança, os gostos e preferências de cada indivíduo, estas relações do tripé grego-clássico e da dualidade lazer-renda vão se modificando por indivíduo.

Captar estas mudanças e verificar se elas se sujeitam a alterações perceptíveis e significativas numérica e estatisticamente, é a razão de ser das tabelas que montamos, com o objetivo de entender se fato esses elementos criam e explicam, sinalizam para tendências e mudanças, processos e elementos atitudinais diferenciados entre os brasileiros.

Os indicadores que levantamos estimulam claramente a idéia e percepção de que, dadas as marcantes diferenças de idade e renda dos brasileiros, suas percepções, entendimentos e preferências esportivas são bem contrastantes.

A sociologia do esporte estimula a compreensão da idéia de forte mudança nos padrões e hábitos de consumo, viver e praticar atividades de lazer / ócio nas nações. Dado o grande conjunto de inovações, os homens buscam a novidade e se afeiçoam ao que realmente lhes agrada e contribui com a promoção de seu bem-estar, na concepção utilitarista, materialista e lúdica do termo (Garcia Ferrando, 1990; Puig e Heinemann, 1991; Greenfeld, 1992; Donnelly, 1996; Silk, 1999; e Garcia ferrando 2005).

Neste domínio, emergiram com bastante força o termo ócio e atividades em tempo ocioso, para caracterizar as atividades exercidas pelo homem pós-moderno quando ele possui tempo e pode aplicá-lo ao seu bel prazer, livremente.

Efetivamente, com o aumento da produtividade fabril, comercial e do setor serviços, os trabalhadores viram as vitórias de seus sindicatos reduzirem o tempo médio de trabalho. Se no início do século XX trabalhava-se 10 horas na fábrica, na Alemanha, em 1950 esse tempo era de 8 horas e em 1990 chegou a 6 horas diárias: sobrou tempo.

No Brasil, os bancos vêem seus bancários trabalharem por 6 horas, num transporte dessa medida a país em vias de desenvolvimento, mas de produtividade bem menor.

Por estas razões, debater o ócio tornou-se objeto de atenção mundial, apontado por sociólogos tais como John Kelly, 1995; Roger Sue, 1982; Heinemann, 1994; Ronald Inglehart, 1998; Cohen e Kennedy, 2000; e Dumazedier, 2000.

Enfatiza-se que “as atividades sociais de ócio giram em torno às relações interpessoais e ao associativismo, posto que para a sua realização os indivíduos têm que cooperar e cooperar entre si em contextos específicos” (Garcia Ferrando, 2005).

E “as atividades de ócio estão orientadas ao alcance do descanso pessoal e ao restabelecimento do equilíbrio psicológico, sendo as mais freqüentes as que se revestem de um caráter físico-esportivo”.

Pessoalmente, consideramos o termo ócio, aplicado a esportes e atividades que estimulam o indivíduo física e mentalmente, como muito forte. A noção de ócio lembra o “*oisif*”, do francês, que se origina de *oiseau*, ou pássaro. Na origem, entendia-se que os pássaros, ao passarem o dia trinando e pulando de galho em galho, não tinham nada a fazer se não cantar. Nos tempos atuais, sabe-se que o canto dos alados pode ser conotação e sinalização de alerta; de invasão territorial; de corte e procura por parceiras; e de muito exercício, para encontrar o alimento de galho em galho.

À ociosidade, suplanta a ação humana com estímulos à produção cultural; aumento de encontros de conotação social, como nos estádios e ginásios; troca de idéias e aumento de comunicação nas horas livres, numa sociedade que por conta do trabalho ficou compartimentalizada, operando em baias, o que afasta as pessoas.

Mais correto seria utilizar uma terminologia afeita à percepção de que por aumento de produtividade laboral, o homem pós-moderno possui tempo para preenchimento de tempo que eleva seu bem-estar e nível de vida.

Nas sociedades modernas o domínio sobre os métodos de produção e a geração em escala satisfatória de bens e serviços de massa, permite que se sustentem e atendam as necessidades vitais de provimento de alimentos; bebidas; vestuário; habitação e outros. A expansão da oferta, combinada com a expansão mais moderada, menor, da demanda pela população, conduz ao conforto de aumentar-se a produtividade, que por sua vez significa produzir mais rápido, logo em menos tempo, aquele conjunto de bens e serviços de que se necessita para sustentar a comunidade. A implicação desta realidade é que se pode encurtar o período de trabalho e conquista-se tempo para outras atividades, não por efeito de vontade humana de se estar no ócio, mas por capacidade humana de buscar novas alternativas para ter uma vida mais completa, mais segura, mais cheia de felicidade.

6) A busca de uma metodologia que confira credibilidade e compreensão ao perfil do esportista e aos valores esportivos dos brasileiros.

Para fornecer uma base séria e cuidadosa aos levantamentos técnicos empreendidos e com vistas a criar uma série de dados intertemporal robusta, a pesquisa definiu desde o ano 2000 entrevistar diretamente, mediante a planilha e questionário adequados, uma amostra mínima de dois mil entrevistados.

Esta cifra, de dois mil brasileiros, representa uma amostra significativa do ponto de vista estatístico, portanto é robusta e pode espelhar com maior grau de conveniência traços comportamentais específicos da população, fornecidos mediante as suas respostas.

Em comparação com uma população total brasileira estimada em 186 milhões de habitantes em 2008, a amostra pode parecer tênue ou pequena, contudo do ponto de vista estatístico a amostra de 2000 pode consolidar positivamente a imagem que se faz do esporte e de outras vertentes ocupacionais em tempo livre.

A metodologia e o enquadramento das questões ora aqui realizadas, encontram sistemáticos estudos em análises esportivas de Manuel Garcia Ferrando – Encuesta de hábitos deportivos em los españoles – 2005 / Consejo Superior de Deportes, Espana; no projeto europeu COMPASS; e nas atividades do NECE – Núcleo de Estudos das Contas do Esporte / FGV.

Esta metodologia é objeto de debate com técnicos do IBGE, para fins de troca de experiências e disseminação de conhecimentos no campo do levantamento de dados e formação de estatísticas nacionais.

Esta amostra foi seccionada em macroregiões, de tal forma que as cinco do Brasil tivessem entrevistas realizadas, tal como indicam e mostram as tabelas numeradas de n. 17 a n. 22. Conforme indica a tabela n. 17, em 2008 foram entrevistadas 868 pessoas da região Sudeste, a mais densamente habitada do país ou 43,40% da amostra conforme a tabela n. 20; 539 pessoas do Nordeste, ou 26,95% da amostra; 396 pessoas do Sul, ou 19,80%; 136 oriundos do Centro-Oeste, ou 6,80% e 61 do Norte, ou 3,05%. Isto é, sem um grau de precisão com coeficiente de correlação igual a um, sumamente difícil de ser realizado em pesquisas dinâmicas desta natureza, atentou-se com empenho a dar à pesquisa uma feição representativa, posto que pela ordem, a maior população se concentra no Sudeste do Brasil, seguida da nordestina, da sulista, da do centro-oeste e do norte.

Na composição intertemporal, procurou-se seguir a tendência fornecida pelos dados do Censo demográfico e dos Anuários do IBGE, de 1985 a 2005, que indicam crescimentos diferenciados entre as macroregiões. Deste modo, as amostras sofreram pequenas modificações internas, mantida a base de 2000 entrevistados, para indicar a modificação nas taxas de participação macroregionais. Isto explica porque a amostra do sudeste que em 2000 se compunha de 874 pessoas foi reduzida para 868; a do sul enxugou-se bem mais, de 445 para 396 entrevistados; enquanto as macroregiões que crescem mais ou atraem mais população emigrante tiveram um vigoroso acréscimo em suas amostras. Este é o caso do Nordeste, onde em 200- entrevistaram-se 502 cidadãos, enquanto em 2008 esta cifra montou a 539, um salto de 25,10% da amostra total, para 26,95%, conforme indica a tabela n. 20.

Este processo que modifica no tempo as taxas de participação de entrevistados por região dá maior acuidade à amostra, a torna em bem mais realista e permite apontar para a dinâmica de ocupação do solo e do espaço territorial nacional.

Isto é relevante, posto que significa que os territórios de fronteira, para os quais se desloca a população, assim como as regiões metropolitanas do centro-oeste, aonde permanece uma atração imigratória, com imã sinalizado por Brasília, a capital, recebem população e necessitam de todo o tipo de alocação infra-estrutural, inclusive de natureza esportiva.

Por outro lado, onde as populações se assentam, se acomodam e crescem menos, o impulso de demanda infra-estrutural decai. As demandas são outras, particularmente de teor qualitativo. Enquanto nas regiões mais pobres requisita-se quantitativamente e qualitativamente infra-estrutura, e ela há de ser nova, o que pode significar investimentos de porte maior e sacrifícios fortes para amealhar poupanças e financiamentos que dêem base à construção da base, nas regiões mais ricas a complexidade do investimento aumenta, posto que se requisita mais infra-estrutura nova, se exige maior diversificação esportiva e é preciso atentar aos gastos crescentes de manutenção de parques.

A amostra entrevistada também atendeu à mais recente divisão na participação demográfica entre sexos, registrada pelo Censo Demográfico do IBGE, para os anos 1990 / 2005. Pode-se estabelecer que no período, na média, os homens representam 48% da população e as mulheres são a maioria com 52%.

Como decorrência, a amostra incorporou 970 homens, com idades entre 10 e 91 anos e 1030 mulheres, estas com idades entre 10 e 94 anos.

Para a definição da idade dos componentes da amostra, anteriormente especificada, partiu-se do princípio de que todo cidadão, independente da idade, há de praticar esporte sob alguma forma, para seu próprio bem e saúde, equilíbrio físico e emocional. Logo, admitiu-se um arco etário de grande amplitude, com hiato diferencial de 81 anos para os homens e 84

anos para as mulheres. Isto também reflete a realidade, posto que a expectativa de vida dos homens foi de 71 anos em 2005, enquanto que a das mulheres é estimado em 72 anos.

Abaixo de 10 anos, as crianças que originalmente entrevistamos, 22 ao todo entre os 7 e os 9 anos, mostraram dificuldade em entender e responder as perguntas, com o que foram descartadas.

De fato, estas crianças poderão receber no futuro um questionário mais simples, composto por menos itens e respostas, para que também emitam as suas opiniões. Elas representam a base sobre a qual se assenta a demanda e a oferta futura de bens e serviços do país, e naturalmente haverão de ser consideradas.

A faixa de idade dos 10 aos 14 anos respondeu com maior facilidade às questões, e por isto foi inserida na amostra. Ela corresponde à maior fatia dos entrevistados, ou 21% da amostra, o que reflete as estatísticas demográficas e a preocupação desta pesquisa, em captar as demandas e percepções da juventude brasileira acerca do assunto esporte.

A distribuição etária da população entrevistada se encontra na tabela n. 9, onde se reflete outra característica da população brasileira. Ela é ainda relativamente jovem, possui uma base ampla na faixa dos 10 a 35 anos, contudo envelhece aceleradamente, na medida em que o censo indica uma taxa geométrica anual média de crescimento populacional de 1,3% nos anos 1990 e com tendência de queda ainda maior no início do século XXI, para apenas 1,1%.

Desta forma, a população entre 10 e 35 anos da amostra, equivale a 68% dos entrevistados. Nas faixas da maturidade entre 36 e 55 anos, 22% de entrevistados foram registrados. E na idade acima de 55 anos, entrevistou-se 200 pessoas, ou 10% da amostra.

Por ser de âmbito nacional, a amostra foi feita a partir de levantamentos nas principais cidades do país. No Norte, as entrevistas se centraram em Belém do Pará e em Manaus do Amazonas. No Nordeste, contemplaram-se as cidades de Salvador; Recife; Fortaleza; Natal; João Pessoa; Feira de Santana; Peixe Frito e Ilhéus. No Centro-Oeste, entrevistou-se em Brasília; Goiânia, Aragarças, Aruanã, Campos, e Cuiabá. No Sudeste, levantou-se dado em São Paulo, Araraquara, Santos, Limeira, Penápolis, Franca, Rio de Janeiro, Petrópolis, Teresópolis, Cabo frio, Búzios, Belo Horizonte, Barbacena, Tiradentes, Andrelândia, Vitória e Vila Velha. E na região Sul, entrevistaram-se pessoas de Curitiba, Cascavel, Céu Azul, Pato Branco, Florianópolis, Chapecó, Blumenau, Porto Alegre, Caxias do Sul, Estrela, Bento Gonçalves e Nova Petrópolis.

Desta forma, as localidades representaram contrastes bastante significativos, posto que junto às grandes metrópoles e capitais, se entrevistaram pessoas moradoras em cidades médias e outras bem menores. Isto permitiu dar um grau maior de acuidade e precisão aos levantamentos.

Nas cidades maiores, mais complexas e ricas, influentes, notou-se a concentração das facilidades esportivas. Aproximadamente 78% dos entrevistados das cidades com mais de 1 milhão de habitantes afirmou ter meios positivos ou potenciais de utilizar facilidades esportivas públicas e privadas, no ano 2008. Na medida em que o tamanho das cidades caía, a infraestrutura esportiva rareava e a quantidade de opções da mesma forma diminuía. Nesta condição, de cidades com até 20.000 habitantes, 39% dos entrevistados afirmaram ter condições e meios de utilizar e freqüentar utilidades privadas e públicas esportivas. Isto é, 61% da população de cidades menores não possui acesso ao esporte e quando muito o pratica em condições “ao ar livre, na natureza, como puder”.

O ato de obter 2000 entrevistas difere do ato de fazer entrevistas, para a elas chegar. Isto é, o esforço de entrevistar foi bem maior, posto que 17% delas ficaram incompletas; 145 apresentavam imprecisões; 8% foram respondidas com pressa pelo entrevistado, na rua, num

bar, ou noutra local nem sempre em condições propícias e desejáveis. A estas entrevistas, sob rigoroso e crítico exame, decidiu-se pelo descarte e inutilização completas.

As melhores entrevistas duraram em média 45 minutos e foram feitas na residência dos entrevistados, com hora marcada e identificação da equipe de entrevistadores.

No total, foram entrevistadas 2.753 pessoas, para chegarem-se às 2000 entrevistas bem e corretamente, plenamente respondidas, no ano 2.008.

O procedimento amostral foi polietápico, com a estratificação por conglomerados e a seleção primária dos municípios alvo. Os municípios foram selecionados pela sua importância, e no caso dos menores porque representavam cidades secundárias vizinhas às maiores, ou estavam bem distantes das metrópoles, refletindo o continental espaço brasileiro e suas imensas distâncias.

Quanto maior a distância inter-cidades, tanto mais complexo é o deslocamento por meios de transporte dos praticantes de esportes. Então, eles tendem a se afeiçoar mais a práticas localmente possíveis de exercitar, como atletismo, jogos de bola e exercícios variados, que a sofisticar ou buscar modernidades ainda caras e dificultosas de se implementar.

O erro amostral com o qual se trabalhou foi para um nível de confiança de 95,5% (dois sigmas), de tal sorte que $P = Q$ e o erro real estimado alcança + 1,11% para o conjunto integrado e unificado da amostra, com a suposição de utilização de uma amostra aleatória simples.

7) A pesquisa de campo, a amostra levantada em 2000, 2005 e 2008 e fundamentos metodológicos para montagem de questionários e interpretação de comportamentos sócio-econômico-esportivos complexos.

Partiu-se no ano 2.000 de um questionário básico, onde se entendia fornecer ao entrevistado por questão um conjunto de respostas possíveis, de bom senso e com a mais elevada possibilidade de refletir os pensamentos e a realidade dos entrevistados.

Notou-se nesse processo que os entrevistados se acomodavam e contentavam bem em 85% das respostas, contudo outras razões, outros motivos, que não os inicialmente previstos nas respostas, mereciam atenção.

Deste modo, optou-se desde o ano 2.000 em adequar o questionário, que recebeu então respostas associadas a temas tais como as indicações esportivas dadas pelos médicos, pelos professores e pelos pais; ao associativismo esportivo; a decepções que os atletas amadores enfrentam ao praticarem seus esportes; às reais intenções de se praticar esporte e afins.

Dada a grande quantidade possível de respostas por assunto tratado, optou-se por aceitar conforme a pergunta, uma só resposta (abordagem metodológica restritiva de graus de liberdade ao respondente); duas respostas; ou até três respostas no máximo por entrevistado (abordagem multi-responsiva, de maior concessão de graus de liberdade nas respostas ao entrevistado).

Deste modo, 70% das questões atendem ao método multi-responsivo, o que permitiu que os entrevistados cercassem e definissem melhor suas percepções, opiniões e visões acerca de cada tema tratado.

Particularmente importante foi perceber que os jovens, especialmente das faixas etárias entre os 10 e 35 anos, reportaram-se a problemas aflituosos como o uso de drogas; a

convivência e as proibições de família; a falta de comida em casa donde a importância da merenda escolar ou da merenda pós-esportiva; e assuntos correlatos.

Deste modo, pode-se afirmar que este processo de entrevistas foi se enriquecendo no período 2000 / 2008, posto que ao que o grupo de entrevistadores perguntou, acresceram-se a resposta várias vezes repetidas, natural, na hora, dos próprios entrevistados.

Isto fornece um tom de realismo bem superior a estes levantamentos e lhes confere a respeitabilidade realística tão desejada.

As amostras dos anos 2000, 2005 e 2008 foram quanto ao tamanho sempre as mesmas, isto é, de 2.000 entrevistados. Mediante isto, buscou-se a unidade analítica na informação e no trato comparativo dinâmico das estatísticas.

As tabulações procuraram captar as respostas por temas bem definidos, específicos, para a sua compreensão particularizada.

Assim, estabeleceu-se o seguinte trabalho temático, que melhor se esclarece por tabela apresentada a seguir:

Na tabela 1, levantamento da distribuição percentual do que os brasileiros consideram muito importante, segundo os seus valores. A base da questão é o que valoriza ao máximo, o que preza, a que da valor único e focalmente prioritário, o brasileiro? A família? Às amizades? Ao ato de enriquecer? Ou ao ato de praticar um esporte, entre outras respostas.

Na tabela 2, fez-se um levantamento amplo e restrito do que a população entende por esporte. Se os especialistas e técnicos ainda não se entendem, sobre o que pode e deve ser incluído como esporte, que se deixe a população decidir e definir. Ao mesmo tempo, as influências dadas pela mídia, pelas inovações tecnológicas e pelo comportamento pós-materialista e pós-moderno dos indivíduos darão o tom de como o esporte é entendido.

Na tabela 3, indaga-se o grau de concordância em relação a diversas formas de se entender e definir o que é esporte.

Na tabela 4, buscou-se o significado que melhor espelha o que a população entende como esporte. Isto é, se representa uma atividade, uma expressão física, um estado de ser, ou uma válvula de escape aos problemas diários.

Na tabela 5, entabularam-se formas de se entender o esporte. O que seria ele? Uma forma de produzir saúde, isto é, ele é praticado não pelo seu valor intrínseco e sim pelo seu efeito positivo dominó, sobre outros eixos de interesse pessoal e social? Ou entre outras respostas, é um importante formador de caráter, de disciplina e de educação, nos moldes vitorianos e aos quais nos referimos na segunda e terceira seções deste estudo?

Na tabela 6, procura-se levantar e entender quais são, para os brasileiros, os aspectos mais e menos atraentes do esporte. Procurou-se identificar uma dualidade: o que se gosta mais ou então menos, de fazer no esporte? Isto permitiu identificar o que por um lado atrai, estimula, motiva, mantém, valoriza e enaltece a prática esportiva na sociedade, e por outro lado, o que de certa forma repele, desestimula, desmotiva, cria desistência, desilusão, desvaloriza e não promove a prática esportiva.

Na tabela 7, verifica-se o conjunto de motivos pelos quais o esporte tem a aprovação dos seus praticantes. A questão leva a identificar funções utilitaristas do esporte – serve para manter o corpo em forma; serve para manter melhor saúde física e mental; e afins – junto e em contraste com outras dimensões interpretativas, como as de fugir da rotina, do ócio e da monotonia.

Como seqüência da tabela 7, a tabela n. 8 aponta os motivos da prática do esporte por sexo, no ano de 2008. As razões envolvem respostas como para fazer exercício físico; manter a saúde; atender ordens médicas; e até por vontade de competir.

Esta resposta e suas taxas de participação, a vontade de competir, é especialmente importante para a identificação da mentalidade competitiva dos brasileiros e no esporte pode ser um elo que identifica jovens talentos que podem ter alto rendimento. Quanto maior o percentual de membros competitivos e com talento, propensos a praticar esportes, tanto maior pode ser a probabilidade de prover os esportes de alto rendimento e as atividades show de esporte, de atletas valiosos e excepcionalmente produtivos.

A tabela 9 procura identificar as justificativas da prática esportiva por faixas etárias. Em tese, os mais jovens se interessariam pelos esportes por pura socialização e diversão, ludicamente, ao passo que os mais idosos o fariam por razões utilitaristas, para manter a saúde, a forma, ou passar o tempo. Esta suposição é corroborada de fato pelos dados levantados e expostos nesta pesquisa.

A tabela 10 mostra conforme o levantamento empreendido a justificativa que se deu para a prática esportiva, segundo a posição sócio econômica das pessoas. Entendeu-se que para fins formais, de identificação social e de corte, a posição social de um indivíduo pode ser medida e fornecida pela renda média mensal da própria, ou do responsável pelo entrevistado – arrimo de família. Desta forma, a inserção das crianças e jovens entre 10 e 24 anos, as duas faixas etárias inferiores, se deu pelo registro e declaração dos ganhos dos pais ou responsáveis e não pelo rendimento das crianças.

O complemento técnico da tabela 10 fornece o valor em reais das rendas ditas alta, média ou baixa. Os valores de enquadramento dos indivíduos numa ou noutra das três categorias de renda acertadas se deram com referência a aproximadamente dois salários mínimos de referência na base, mensais. O salário mínimo de R\$ 415,00 em julho de 2008, para exemplificar, permite constatar que quem ganhava até 2,21686 vezes o salário mínimo, possuía renda baixa. Os valores para a renda alta sucederam acima de 8,43373 vezes o salário mínimo. Portanto, quem auferisse acima de 3,80436 vezes mais que o teto de máximo dos auferentes de renda baixa, seria considerado de renda alta. Em 2008, quem recebeu entre R\$ 920,00 e R\$ 3.500,00 ao mês, pertenceria ao estrato de renda média.

Para fins de classificação de classe, o IBGE divulgou estudo em 2.000, onde considerava que quem auferisse uma renda mensal bruta acima naquele ano de R\$ 2.200,00, pertenceria à classe alta. Em 2008, no mês de agosto, divulgou-se a “ampliação da classe média brasileira, para 43,7% da população total”, com um rendimento médio de R\$ 1.386,00, ou 3,24337 vezes o teto da classe baixa.

A tabela 11 explica os motivos da prática esportiva segundo o esporte praticado, para 11 modalidades esportivas principais, que mais se praticam no Brasil. Decorre que os esportes da “constelação da Bola”, conforme cunharam Ary Graça e Istvan Kasznar (A Indústria do Esporte, 1999), são escolhidos, sobretudo para diversão e passar o tempo; fazer exercício físico; e assegurar saúde e vitalidade.

Para verificar o grau de sedentarismo, pasmaceira, indolência ou falta de vontade do que fazer levantaram-se os motivos pelos quais os brasileiros não praticam esporte, o que consta da tabela 12. Justificativas clássicas e com fundo equivocado, como “não tem tempo” ou “não tem utilidades e benefícios que convençam”, receberam grande parte das respostas e citações.

A tabela 13 volta ao tema anterior, sob outra ótica, ao considerar os motivos da falta de prática conforme a idade. As mudanças de mentalidade das gerações e seu processo educacional diferenciado são ressaltados e bastante claros de se verificar.

A tabela 14 procurou entender as extensões de tempo, período de prática esportiva, para reforçar as razões da desistência da prática esportiva, no que requisitou um

complemento de entrevistas, para chegar-se a um grupo suficientemente grande de pessoas que se declararam niilistas esportivos plenos, ou 528 pessoas no total.

A tabela 15 expõe a disposição para voltar a praticar esporte, o que é usualmente um esforço grande para quem nem adquiriu o hábito, nem possui estímulos, nem viu benefícios enquanto praticou, fosse por obrigação, fosse por motivações e satisfações pessoais.

Ligado ao item anterior, abordou-se a seguir o conjunto de motivos pelos quais a prática esportiva é abandonada. As razões são numerosas e bem variadas. E algumas, pela naturalidade com a qual foram dadas certas respostas, indicam que nem todos os brasileiros sabem, gostam ou querem cuidar de si, o que é evidentemente grave e preocupante. Tal é na tabela 16 a resposta do item “não é uma prioridade pessoal”; “por preguiça e descanso voluntário”; e “não gosta de fazer esporte”.

Em seu conjunto, é sobre este temário que se focou a pesquisa, cuidando da abertura e interpretação fundamental dos dados obtidos.

Em relação à linguagem utilizada junto aos entrevistados, que incluíram pessoas dos 10 aos 94 anos de todo o Brasil e das mais distintas classes de renda, optou-se pela simples, diária e coloquial. Entendeu-se desde o início, que precisávamos ser compreendidos e que o linguajar popular, com gírias, poderia facilitar o trabalho de levantamento.

De fato, isto assim sucedeu. O palavreado simples e popular facilitou a comunicação com os entrevistados, que se mostraram mais abertos e estimulados a responder.

A seguir, são apresentadas as tabelas e realiza-se uma análise técnica objetiva dos principais pontos encontrados. Para efeitos complementares, comenta-se também o que se esperava suceder, por hipótese e bom senso, contudo no mundo real os resultados obtidos foram outros.

8) A apresentação e interpretação analítica das respostas colhidas. Possíveis inferências de ordens sociológicas, econômicas, comportamentais e de preferências de alocação do tempo em atividades esportivas.

Uma das questões associadas a comportamentos e *behaviorismo* social, diz respeito à identificação do que uma população preza, gosta, arraiga-se por ela e cultiva com paixão, amor e orgulho.

Certos valores possuem importância vital, numa comunidade, pois a identificam e criam correntes, elos, que aproximam ou distanciam as pessoas, as famílias e as comunidades, conforme a intensidade de sua inserção no meio.

Outros valores podem não ser localmente importantes, relevantes, enquanto noutras comunidades são as principais.

Este regime de escolhas possui fundamentos complexos, vinculados ao tipo histórico de assentamento, ocupação territorial, aculturação, assimilação religiosa e motivação de agir em face de propostas de integração em comunidades.

Nesta pesquisa, conforme a seguir mostrado na tabela 1, foram citados 15 valores, nos quais pediu-se à amostra entrevistada a identificação do que mais apreciava, com três respostas no máximo por pessoa e com pontuações que partiram de zero (não dou valor nenhum) a 100% (valorizo muito, acho essencial).

Os brasileiros valorizam muito serem bons pais e mães, com 68% das respostas; serem bons esposos e esposas, com 46% das respostas; terem um bom emprego e muitas amizades – 39%.

Pode outro lado, ser rico (7%); um bom esportista (7%); ou um estudioso, intelectual (3%), não faz parte do valor brasileiro. A ambição financeira, esportiva e intelectual / acadêmica / estudantil, passam ao largo ou atendem as preferências de uma minoria.

Os brasileiros preferem viajar, a estudar ou serem valorizados em sociedade.

TABELA 1 DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DO QUE CONSIDERAM MUITO IMPORTANTE, DIFERENTES OBJETIVOS E VALORES, 2005.

Nº DE ORDEM	OBJETIVOS E VALORES QUE SÃO MUITO IMPORTANTES	%
1	Ser um(a) bom(a) pai ou uma boa mãe	68
2	Ser um(a) bom(a) esposo(a)	46
3	Ter um bom trabalho, leia-se emprego	39
4	Ter muitos amigos, colegas e camaradas - ser bem relacionado	39
5	Ser um bom cidadão	33
6	Ter êxito na vida (boa família; bastante poupança; carro; casa própria; e trabalho d	32
7	Estar fisicamente em forma e se ver bonito(a)	26
8	Ser uma pessoa criativa	17
9	Viajar muito	10
10	Ser o melhor em sua profissão	8
11	Ser rico e poder gastar	7
12	Ser um bom esportista	7
13	Ser bem valorizado em sociedade	5
14	Ser visto como intelectual, CDF	3
15	Outros (conquistador; bom de papo; afins)	3
		N.A.

Observação: foram admitidas no máximo três respostas por pessoa.

N.A. = não se aplica a soma.

Fonte: **IBCI - Institucional Business Consultoria Internacional - Diretoria de Pesquisas**.

O entendimento do que seja esporte permite identificar se uma população está consciente do que representa, inclui e em que se constitui uma atividade. Uma maior compreensão do assunto, de suas nuances e associações, de suas múltiplas pendências e interdependências, permite prever maior grau de consciência acerca do assunto, uma melhor compreensão das relações de causa e efeito e como decorrência é possível gerar políticas públicas e privadas mais acertadas, melhor focadas, que atendam efetivamente a quem se deseje atingir, beneficiar, promover ou integrar à comunidade.

Entre os anos 2000 e 2008, mediante os três levantamentos feitos, as percepções do entendimento do que seja o esporte parecem não ter mudado, ou mudaram pouco. Para a maioria absoluta dos brasileiros, o esporte mexe com o físico, o mental e o psicológico (87%

em 2008) e todas as atividades físicas devem ser consideradas como um esporte (78% das respostas de 2005 e 2008).

Isto indica uma compreensão bastante satisfatória, moderna, das atividades esportivas e de seus efeitos sobre o indivíduo. Sabem o que é e o que estimula. Resta, a saber, se querem ser estimulados nas três vertentes apontadas, corpo, mente, gradiente psicológico.

É muito grande a dúvida, por outro lado, do que seja o esporte: 25% não sabem bem o que seja e 21% enxergam tantas invencionices, novidades freqüentemente não duradouras, mas vendidas e apresentadas como modalidade esportiva, que não sabem mais onde por e como classificar certas atividades, ou esportes.

Fica clara uma certa polarização. Se bem que a maioria saiba o que é esporte, um grande número de pessoas está confusa e precisa de esclarecimentos, mediante publicidade expressa e dirigida, que defina e reporte o que seja o esporte em si.

TABELA 2 CARÁTER AMPLO E RESTRITO DO QUE A POPULAÇÃO ENTENDE POR ESPORTE, 2000-2008.

CARÁTER DO ESPORTE	ANO		
	2008	2005	2000
Todas as atividades físicas devem ser consideradas como um esporte	78	78	76
O esporte mexe com o físico e o mental	76	76	75
O esporte mexe com o físico, o mental e o psicológico	87	86	83
O esporte é uma competição sadia, ganha ou perde ou empata	31	29	27
Não sei bem o que é um esporte	25	25	24
A cada hora, inventam um novo esporte, então, é confuso	21	19	16
O esporte é a atividade que prolonga a vida e aumenta a felicidade	43	41	37

Observação: foram admitidas no máximo três respostas por pessoa.

Fonte: **IBCI - Institutional Business Consultoria Internacional - Diretoria de Pesquisas.**

Existe uma tendência elevada e quase unânime em se entender o esporte com uma atividade que deixa o seu praticante em forma e com saúde (97% das respostas em 2008). Ademais, o esporte facilita a comunicação e o convívio entre as pessoas (93% das respostas), vide a tabela 3.

Isto significa que as pessoas estão cientes dos efeitos gerados pela prática esportiva, sabem que o esporte faz bem à saúde, evitam-se com ele doenças, internações hospitalares, compras dispendiosas de remédios e criam-se importantes ganhos físico-mentais-psicológicos, que também revertem em economias nas finanças pessoais.

Deste ponto de vista, a promoção e a divulgação mais ampla dos esportes, de seus benefícios e dos locais onde praticá-los em condições facilitadas, deveria gerar importantes economias em gastos de saúde, medicamentos e internações.

Os donos das indústrias farmacêuticas, laboratoriais e das redes e clínicas privadas e públicas hospitalares poderiam não gostar, mas estas medidas precisam ser tomadas e dentro de um horizonte de tempo previsível e curto.

A médio prazo, todos teriam a ganhar, com a melhoria e o aumento da saúde do brasileiro, por meio de maiores investimentos e a alocação maior de recursos no esporte.

Esta questão alocativa é, contudo sutil e tihosa.

Os benefícios criados pela prática rotineira e contínua de esportes são apropriados pelos indivíduos integralmente, logo se constituem num bem privado. A socialização desse

bem não é direta, mas sim indireta e de difícil mensuração. Na medida em que o praticante deixa de ter gripes, ataques cardíacos ou outras doenças e males, ele assimila os ganhos esportivos para si e por bom senso reduz gastos com medicamentos, tratamentos e internações. A soma destes gastos não realizados como política pública de saúde é bem maior que a soma dos gastos gerados por conta de tratamentos curativos, após terem acontecida as mazelas de saúde dos não praticantes (OMS; *British Parliament*; e Pesquisa IPSOS do Esporte, 2006).

Na lógica da autoridade pública, que possui uma multiplicidade de exigências alocativas em bens públicos puros e semipuros, cuja sinalização de preços claramente é negativa e implica na assunção das atividades, pois caso contrário o indivíduo não terá condição de fazer as aplicações necessárias (caso dos pobres) ou interesse em fazê-lo (para as empresas, não sinaliza lucro numa perspectiva de tempo razoável, de 1 a 5 anos, digamos), a aplicação em esporte passa a ser secundária.

E este é um grande, profundo erro. Ao não promover o maciço investimento público em esporte, fiel aliado da saúde pública, a somatória de doentes efetivos e potenciais aumenta e o recurso público acaba improdutivamente, mais adiante no tempo, sendo alocado em funções curativas.

Os doentes e fragilizados não praticantes esportivos geram externalidades negativas à sociedade. Pelo ato de não fazer esporte, penduram suas contas na Previdência; solicitam permissões para não trabalhar por causa de doenças, logo aumentam os índices de absenteísmo; diminuem a sua produtividade pessoal e no trabalho e com isto a produtividade média nas empresas também cai, entre outros efeitos.

Portanto, cabem campanhas de sensibilização sobre a importância da prática esportiva; a demonstração de um status melhor que se adquire com a prática; e a geração de medidas que mobilizem em vez de valorizarem o culto à passividade, ao ostracismo, à pasmaceira pessoal.

É preciso reverter esta situação e adotar políticas preventivas, corretivas, de informação das vantagens da prática esportiva e ao mesmo tempo empenhar recursos na prática esportiva, com o investimento em mais professores, fisioterapeutas, médicos e enfermeiros dos esportes, psicólogos para esportistas, dirigentes esportivos e afins.

TABELA 3 GRAU DE CONCORDÂNCIA EM RELAÇÃO A DIVERSAS FORMAS DE ENTENDER O QUE É O ESPORTE, 2005-2008.

FORMAS DE ENTENDER O ESPORTE	GRAU DE CONCORDÂNCIA			
	MUITO /	BASTANTE	POUCO /	NADA
	2008	2005	2008	2005
O esporte te deixa em forma. O esporte é sinônimo de saúde	97	96	3	4
O esporte é como uma válvula de escape para liberar saudavelmente o ódio interno, a agressividade e o mau humor	86	84	14	16
O esporte facilita o relacionamento com as outras pessoas	93	91	7	9
O esporte ajuda a superar obstáculos na vida. É um instrumento que promove e conscientiza sobre a educação e a disciplina	76	75	24	25
O esporte permite viver mais intensamente e ajuda a romper a monotonia da vida cotidiana nas grandes cidades	85	84	15	16

Fonte: **IBCI - Institutional Business Consultoria Internacional - Diretoria de Pesquisas**.

TABELA 4 SIGNIFICADO QUE MELHOR ESPELHA O QUE A POPULAÇÃO ENTENDE COMO ESPORTE, 2005-2008, em %.

SIGNIFICADOS DO ESPORTE	ANO	
	2.008	2.005
O esporte te permite estar em forma e de bem com a vida	49	48
O esporte é como uma válvula de escape da agressividade	8	7
O esporte permite o relacionamento interpessoal mais fácil	45	44
O esporte te ajuda a superar obstáculos, barreiras e te prova	41	41
O esporte permite viver mais intensamente a vida, desperta	28	26
Não sabe responder	13	11
Uma forma de expressão física	71	69
Uma forma sofisticada de expressão humana, física e mental	17	16
Amostra utilizada - total no Brasil em pessoas.	2.000	2.000

Observação: foram admitidas no máximo três respostas por pessoa.

Fonte: **IBCI - Institutional Business Consultoria Internacional - Diretoria de Pesquisas**.

A prática esportiva é apresentada mediante a tabela 5 e associa-se a formas de se entender o esporte.

A rigor, cabe explicitar o que vem a ser efetivamente uma atividade esportiva, sob os critérios de ativação físico – mental – espiritual; de tempo alocado individual; e de repetição diária, semanal ou mensal.

Para efeitos desta pesquisa, entendeu-se que a atividade é esportiva quando mobiliza efetivamente o indivíduo em suas três dimensões, acima citadas; gera e exige dele um esforço, uma atividade; implica em uso e perdas de energias, que deverão ser repostas mais adiante com uma boa alimentação e bebidas adequadas; habilita uma mudança na musculatura; promove ações, reações, reflexos, o campo visual, a auscultação e os ouvidos; mobiliza por alguns impulsos; e gera algum tipo ou múltiplos cansaços.

Quanto ao tempo, um passeio de uma hora por semana no parque da vizinhança; uma corrida de 100 metros pela rua duas vezes por semana; ou a natação no fim de semana com as crianças, por três horas, não se constituem em prática esportiva. Para estes efeitos, há prática esportiva quando repete-se por tempo premeditado, predeterminado, regular e semanal, ao menos duas vezes por semana e por 4 horas, um esporte bem definido. Logo, mensalmente pelo menos 16 horas líquidas não de ser alocadas, para que se considere esta uma prática efetiva.

Obviamente, por razões diversas, entre as quais médicas, a prática poderia ser melhor, caso mais horas fossem empenhadas na atividade. Sucede que quanto mais rigorosa é a

definição, tanto menos praticantes surgirão. Para esta análise e em face da população estudada, considerou-se esta medida como adequada.

Caso estivéssemos estudando o segmento dos atletas de alto rendimento, destinados a competições, a definição seria modificada. Para os voleibolistas, por exemplo, poderia-se considerar um tempo mínimo diário de 6 horas, ou 30 horas semanais, o que perfaz 120 horas semanais. Isto, sem considerar as atividades decorrentes e associadas à geração de alto rendimento, como fisioterapia; massagem-terapia; debates psicológicos; cursos de consolidação de conhecimentos específicos e afins.

A tabela 5 mostra que a maioria absoluta da população sabe que o esporte é uma forma de produzir saúde para si, seja praticante (58%), ou não o seja (69%). Portanto, alia a população ao esporte a benesse, o benefício da saúde, contudo, nem todos o praticam.

Outras razões caem muito em relação ao primeiro entendimento. Mesmo assim, o esporte é visto como um importante formador de caráter, de disciplina e de educação (29% e 26% das respostas, para sim e não praticantes), e quem pratica revela que de fato ele combate o estresse e as preocupações (26%).

O Brasil, que possui preocupações sérias com uma grande e crescente população de hipertensos, 11% da população conforme dados do SUS em 2005, poderia reduzir bem esta chaga, caso convencesse os indivíduos sobre o males do sedentarismo.

TABELA 5 FORMAS DE ENTENDER O ESPORTE

FORMAS DE ENTENDER O ESPORTE	PRÁTICA ESPORTE	
	SIM %	NÃO %
É uma forma principal de produzir para si Saúde	58	69
É uma Válvula de Escape contra o estresse e as preocupações	26	8
Melhora a Relação Social e produz amizades	24	17
É uma forma de Aventura, ao gerar mais risco e perigo	11	6
É um importante Formador de Caráter, Disciplina e Educação	29	26
Não é importante, nem relevante. Não sabe opinar.	6	14
Amostra utilizada - total no Brasil em pessoas.	594	1.406

Observação: foram admitidas no máximo duas respostas por pessoa.

Fonte: **IBCI - Institutional Business Consultoria Internacional - Diretoria de Pesquisas**.

Outra questão relevante do esporte diz respeito ao que atrai e ao que não atrai, nele. Isto é, há razões que motivam a prática e a reforçam. Outras, pelo contrário, desmotivam, inibem, causam repulsa, assustam, amedrontam e como conseqüência, levam os indivíduos a não praticar, deixar para lá, dissimular e nem fazer.

Decorre ser sumamente importante entender o que atrai, para que a juventude, a terceira idade e quem não pratica, receba inputs, informações, dados e motivações que a convençam a praticar o esporte com motivação. A estas razões, pode-se denominar de *teasers* esportivos. São como em pescaria uma boa isca, que atrai os peixes.

Por outro lado, é preciso compreender o que repele, não atrai, logo causa desistência, absenteísmo esportivo e destrato consigo mesmo. Isto, porque será preciso ter argumentos para desmontar cada má idéia, cada conceito equivocado e cada incoerência, associada freqüentemente a uma mentalidade antiquada, na qual paira o desconhecimento como fator comum.

O foco neste levantamento prendeu-se às razões diretas e claras que configuram a motivação pelo esporte. Isto significa que não se deu opção a respostas afeitas a potenciais efeitos substituição no tempo por outras atividades.

Nos tempos pós-modernos, as sociedades se oferecem uma grande quantidade de opções de lazer. E na medida em que estas aumentam em quantidade e qualidade, as atrações mais antigas sofrem a competição das mais novas, que lhes querem abocanhar o espaço.

Como as novas opções representam atividades, também se formam como indústrias, novos negócios, logo existe uma feição tipicamente capitalista, materialista, e de relação lucros / investimentos, na luta e ocupação desses espaços.

Entre as opções mais recentes, que alteram o comportamento e o uso do tempo, merecem destaque, a popularização do microcomputador nas casas das pessoas e famílias, com seus programas e jogos; a Internet e seu processo de comunicação eletrônico, ligando milhões de pessoas; os *chats* computacionais; o uso dos laptops em sistemas *wireless*; os *ipods*, que dão longa extensão musical enquanto se fazem paralelamente outras atividades; os televisores portáteis; os DVDs e seus CDs; os *cellphones*, aparelhos celulares, que permitem a comunicação em praticamente todos os lugares das grandes cidades; e outras recentes inovações tecnológicas.

Estima-se que o tempo alocado por executivos e gerentes em telefonia pessoal, fora do horário de trabalho, seja de 4,7 horas semanais; que o uso de microcomputadores e laptops em fins de semana seja de 4,4 horas e que a audição de ipods seja de 1,4 horas, ou um total de 10,5 horas. Entrementes, o tempo alocado em atividades físicas é de 3,7 horas, ou 35,23% do que se ativa em conversas, operações computacionais ou música juntos (Kasznar, Istvan; NESPAS – EBAPE / FGV, 2005)

Conforme os levantamentos apresentados na tabela 6, o que mais atrai e justifica o exercício regular do esporte é a oportunidade de sair e curtir a natureza (65% das respostas em 2008) e porque permite adquirir boa forma física e tônus muscular (57%). Numerosos cidadãos reportam que ademais, são torcedores e gostam de TV, pipoca e guaraná (50%).

Isto significa que quem faz esportes aprecia as atividades outdoors, fora dos fechados e herméticos espaços constituídos pela urbe moderna. Com seus arranha céus, edifícios, rodovias e estruturas que apequenam o homem e o isolam da natureza, ele se volta a esta pela prática esportiva. O que lhe é tirado pela modernidade, pelo progresso, pela verticalização predial, ele procura compensar no esporte.

O grupo de esportistas competitivos, que busca o prazer das vitórias, que pode apresentar potencial para o alto rendimento, à busca de medalhas e troféus, é de 6% da amostra. Este valor oscilou pouco ao longo de todo o levantamento e das tabulações, o que revela que 6% a 7% dos brasileiros buscam no esporte uma razão a mais, a da competição, da luta pelo prêmio, como uma forma de reconhecimento de talento, de competência e de realização social.

Em relação ao que menos gosta, na tabela 6 destaca-se a tensão na hora da competição, com 46% das respostas. Isto é, o estresse de competir, não agrada. Prefere-se evitar a tensão, o estresse. O esporte, confirmando os levantamentos anteriores, serve para descansar a mente, relaxar.

Uma família de respostas se destaca neste particular, constituída pelo baixo grau de satisfação em relação aos dirigentes esportivos. Ao se eternizarem (22% entende isto ser negativo); não agirem com profissionalismo (33%); e nem sempre trabalharem (9%), causam uma sensação de desorganização no esporte que dirigem. O importante, é que na soma, este assunto alcança 64% de respostas, o que é um índice alto.

Isto não quer dizer, nem implica em que se assuma que os dirigentes em geral são mal vistos em todos os esportes ou sejam antiprofissionais. Há evidências nacionais de excelência, profissionalismo e cidadania. Contudo, é sintomático que a população identifique estes, como fatores que a deixam insatisfeita.

Provavelmente, uma das razões para tanto é que a imprensa esclarece o público das situações de deslize, má aplicação de recursos e desadministração que ocorrem, enquanto pouco divulga as experiências bem sucedidas e que rebecem até o reconhecimento ISO.

Não é, nesta perspectiva, o esporte de natureza tipo a ou b, praticado por uma pessoa, o que a chateia ou desmotiva ou desagrada mais. É a forma, o processo de produzir esporte nos locais onde ele é praticado que desagrada. Isto significa que persiste um problema de administração, de gestão, e de presença com manutenção simultânea de infra-estrutura e apoio esportivos, que necessita de solução.

Caso a fosse uma modalidade *indoors* e b uma modalidade *outdoors*, uma falta consistente apontada na pesquisa não é o esporte em si, mas “não estar perto da moradia ou do trabalho” e a isto associado, “faltar a infra-estrutura adequada”.

TABELA 6 ASPECTOS MAIS E MENOS ATRAENTES DO ESPORTE, 2005-2008

O QUE VOCÊ MAIS GOSTA DO ESPORTE	ANO	
	2008	2005
De sair e curtir a natureza	65	67
De estar com gente bonita que como eu cuida de si mesmo	20	19
Permite adquirir mais boa forma física e tônus muscular	57	57
É ambiente de diversão, que distrai, entretém e muda o ambiente	34	33
Permite estar com amigos, conhecidos, e interessados no que gosto	35	33
Serve para cansar e relaxar	24	24
É uma forma de educação que me exige autodisciplina e civismo	19	18
Permite lidar com a natureza, bosques e montanhas, mar	3	5
Do movimento, da muvuca, da paquera, do ambiente	13	11
A competição, a luta por medalhas e troféus	6	6
Nada, porque sou obrigado a ir e se pudesse não iria	4	4
Ver como minha família tem gente forte, saudável	4	4
Sou só torcedor, então gosto é da TV, da pipoca e do guaraná	50	49
O QUE VOCÊ MENOS GOSTA DO ESPORTE	ANO	
	2008	2005
Dos dirigentes, que se eternizam	22	24
Dos dirigentes, que metem a mão e não são profissionais	33	31
Dos dirigentes, que não trabalham e conseguem ficar décadas	9	8
O culto ao campeão esportivo, o endeusamento ao herói	27	28
A tensão na hora da competição	46	45
A publicidade, a propaganda enganosa	22	21
É muito cansativo praticar esporte e pode ser monótono	14	15
Das atitudes de alguns esportistas e dirigentes, que beneficiam seus familiares e contatos - tem nepotismo	4	4
A falta de profissionalismo de jogadores e seus escândalos	5	5
A falta de profissionalismo dos dirigentes e sua corrupção	22	21
Outras razões e respostas	4	3
	2000	2000

Observação: foram admitidas no máximo três respostas por pessoa.

Fonte: **IBCI - Institutional Business Consultoria Internacional - Diretoria de Pesquisas**.

Para dar solidez às respostas e verificar seu grau de coerência, levantou-se o conjunto de motivos que levam à aprovação do esporte, conforme estabelecido na tabela 7.

Cinco motivos recebem destaque, e dão alguns uma clara feição social ao esporte, além de ratificarem a sua função utilitarista e pessoal, a saber: para manter o corpo em forma (65%); para diversão (59%); porque gosta (44%); para manter a melhor saúde física e mental (39%); e para ter amigos, amizades e contatos (33%).

TABELA 7 MOTIVOS PELOS QUAIS O ESPORTE TEM A APROVAÇÃO DOS PRATICANTES, 2008-2005

MOTIVOS DA PRÁTICA ESPORTIVA	ANO	
	2008	2005
Para fazer exercício físico e manter o corpo em forma	65	64
Para diversão e passar o tempo de forma bem legal	59	58
Porque eu gosto de esporte	44	44
Para manter a melhor saúde física e mental	39	38
Para ter chance de fazer e encontrar amigos, colegas, contatos	33	31
Para manter a linha e envelhecer bem	25	22
Para fugir da rotina, do ócio e da monotonia	16	14
Porque eu gosto de competir e quero me realizar com medalhas	5	6
Outras razões (não quero ficar no sofá; a mulher e as crianças me estressam; ...)	2	3
Dentro da amostra, quantos se revelaram praticantes semanais	594	561

Observação: foram admitidas no máximo três respostas por pessoa.

Fonte: **IBCI - Institutional Business Consultoria Internacional - Diretoria de Pesquisas**.

TABELA 8 MOTIVOS DA PRÁTICA DO ESPORTE POR SEXO, 2008. Valores em %.

MOTIVOS DA PRÁTICA DO ESPORTE	HOMENS	MULHERES
Para fazer exercício físico	50	66
Para manter a melhor saúde	21	48
Porque o médico explicou que ser sedentário mata do coração	9	14
Porque tenho problema de colesterol e o esporte ajuda a resolver	3	2
Por diversão e para passar o tempo	36	34
Porque eu gosto de esporte	32	21
Para manter a linha	19	29
Para encontrar com amigos	34	19
Para escapar da rotina	15	8
Para escapar da solidão	2	4
Porque pratico desde criança e se não praticar, tenho um piripaco	7	3
Outra razão	1	2
Porque eu gosto de competir	7	1
Total da amostra	970	1030

Observação: foram admitidas no máximo duas respostas por pessoa.

Fonte: **IBCI - Institutional Business Consultoria Internacional - Diretoria de Pesquisas**.

Em relação aos motivos que levam à prática do esporte, levantou-se se haveria diferenças entre homens e mulheres. Isto consta dos dados da tabela 8, na qual 66% das mulheres destacam que praticam esporte para fazer exercício físico e 48% para manter a melhor saúde. Os homens se mostram bem menos motivados com os dois argumentos anteriores, e reportam 50% ao exercício físico e 21% para manter saúde.

Apresenta-se, existe aqui, um fosso. Corresponde a um diferencial bastante elevado de respostas entre os sexos. Há 16% a menos de homens, que considerem motivante fazer exercício físico e por coerência, 27% a menos que se preocupam com a própria saúde.

A dimensão do esporte sob a ótica de seu valor explícito e de suas sutis e implícitas virtudes.

Numa era de sociedade da informação, que promulga a toda hora e local as vantagens do bom exercício e do valor que é manter a melhor saúde, soa atrasado e grave os homens serem menos sensibilizados com a relevância do esporte em suas vidas.

Isto é, as mulheres são mais sensíveis a notícias de saúde, aderem melhores a informações sérias e, sobretudo, se cuidam mais e melhor. Um indicador que atesta esta declaração, numericamente, é o de expectativa de vida dos brasileiros. Segundo o IBGE, as mulheres possuem 71 anos de expectativa de vida ao nascer e os homens, 69. Ademais, aos 50 anos ou mais, 35% dos brasileiros morrem mais cedo e vivem mal.

Como decorrência destes fatos, para políticas públicas esportivas faz sentido diferenciar as campanhas e as promoções esportivas, para atrair um maior e crescente número de homens, especialmente os que possuem acima de 35 anos de idade. As campanhas podem ser *unissex*, mas precisam atingir os homens, sensibilizá-los.

Conforme os dados do Anuário do IBGE de 2005, as principais *causas-mortis* no Brasil são relacionadas às doenças cardiovasculares (do coração); ao câncer; e aos acidentes de trânsito e transporte de pessoas. Existe uma associação entre a primeira *causa-mortis*, o acidente cardiovascular, e o sedentarismo.

Portanto, justifica-se uma operação “tira do sofá e das cadeiras do trabalho”, antes que os indivíduos acomodados se esclerosem e arteriosclerosem, levando a acidentes de natureza cardíaca e outras, literalmente.

Em relação ao ato de gostar de esporte, ambos os sexos manifestaram igualdade de gosto, a mesma simpatia pelo assunto. E para os homens, os demais quesitos se mostraram firmemente superiores aos das mulheres, de tal forma que os motiva também no esporte a melhor saúde (vertente pós-moderna e bem informada dos entrevistados e da população); a amizade em campo; manter a linha; e fugir da rotina.

TABELA 9

JUSTIFICATIVA DA PRÁTICA ESPORTIVA

MOTIVOS DA PRÁTICA ESPORTIVA, 2008	Faixa etária						ACIMA DE 55 ANOS
	10 a 14	15 a 24	25 a 30	31 a 35	36 a 40	41 a 55	
Para fazer exercício físico	34	42	43	46	56	58	63
Por diversão	69	67	59	54	50	46	41
Porque eu gosto de esporte	54	58	54	50	42	38	34
Para encontrar com os amigos	69	65	61	52	41	35	29
Para manter a melhor saúde	5	13	14	27	32	46	58
Para manter a linha	1	14	14	14	15	15	16
Porque eu gosto de competir	5	9	8	7	6	4	3
Total da amostra entrevistada: 2000 pessoas	420	380	320	240	230	210	200
Porcentagem por faixa etária, na amostra de 2000	21,00	19,00	16,00	12,00	11,50	10,50	10,00

Observação: foram admitidas no máximo duas respostas por pessoa.

Fonte: *IBCI - Institutional Business Consultoria Internacional - Diretoria de Pesquisas*.

Mas, seriam as motivações da prática esportiva iguais para todos os brasileiros, independente de sua idade ou faixa etária? Como o ciclo de vida é usualmente composto de cinco fases físicas tradicionais, isto é, nascimento (fase infantil); crescimento acelerado (fase adolescente); crescimento desacelerado (fase jovem adulto); maturidade (fase adulto) e decadência (fase da velhice, seguida de morte), é de se presumir que o comportamento motivacional se altere conforme a idade. E esta molda pelo tempo a visão de mundo do

A dimensão do esporte sob a ótica de seu valor explícito e de suas sutis e implícitas virtudes.

indivíduo, ao lhe agregar educação, experiências, conhecimentos, referências e valores diversos.

Como conseqüência, pode-se neste particular estabelecer uma hipótese, a seguir exposta: “os fatores que motivam as pessoas à prática esportiva, mudam com a idade”. Na juventude, o esporte seria lúdico, uma diversão, uma farras de pequenos amigos. Uma atividade não preocupante, que junta e socializa as crianças. Na medida em que o tempo passa, esta percepção se perderia em parte e viriam percepções utilitaristas, na medida em que a consciência pelos ganhos gerados a favor da saúde humana, do equilíbrio psico-emocional e da ação de ter algo a fazer, ou mais o que fazer, tomariam força.

Não significa isto que um conjunto de valores deva ser substituído por outro. Contudo a carga educacional, o conhecimento, o saber e a experiência pessoal e social, no ambiente comunitário, fazem a nova reação psico-social e comportamental aparecer. Com o tempo, o homem muda, é de sua natureza.

Os indicadores levantados na tabela 9 ratificam e comprovam, dão evidências positivas, para a hipótese anterior.

Enquanto na faixa dos 10/14 e 15/24 anos, os jovens identificam o esporte como diversão (69% e 67%); lugar para encontro de amigos (69% e 65%) e acham que gostam do esporte (54% e 58%), estas mesmas motivações se alteram estatisticamente acima dos 55 anos (41%; 29%; e 34%), respectivamente. Os diferenciais entre os dois extremos etários são acentuados, para os três itens, de 28%, 40% e 20%, o que indica e alimenta a estimativa de que positivamente, as razões da prática esportiva mudam com a idade e o passar do tempo, das pessoas.

Na infância, a preocupação com saúde é pequena, de 5% e 13% para as faixas etárias de 10/14 e 15/24 anos, respectivamente. Claramente, na medida em que a idade avança, a preocupação com saúde cresce. A cada faixa mais idosa, se acrescentam índices de tal forma que se chega a 46% de justificativas na faixa dos 41 / 55 anos e acima de 55 anos, o assunto é citado em 58% das respostas motivacionais, logo após ver no esporte um exercício físico (63%). Isto é, as gerações mais antigas vêem ainda com uma ótica mecanicista e disciplinar a feitura esportiva e identificam com força o seu benefício em manter e gerar melhor saúde.

Merece consideração a expressiva mudança de motivações segundo a faixa etária, de tal forma que é possível traçar funções comportamentais de longo prazo, intergerações, em relação à justificativa da prática esportiva.

Como justificativa de prática, fazer exercício físico é uma função crescente da idade, isto é, quanto mais maduro o indivíduo, mais ele reconhece a importância de fazer exercício físico (1º motivo, da tabela 9). Em resumo, três fatores podem justificar este comportamento: na fase inicial da vida o assunto ainda não é objeto de conhecimento maior; a não obrigatoriedade moderna de exercícios físicos nas escolas, atualmente mais uma atividade extracurricular, diminui a percepção nas faixas etárias menores; e as gerações mais idosas além de melhor informadas e cientes de assuntos de saúde, receberam desde cedo nas escolas orientação para a educação física, inclusive contida em suas grades curriculares.

A justificativa “por diversão” evolui como uma função inversa da idade (linha 2 da tabela 9). Quanto mais idoso, menos se pratica por diversão o esporte. Logo, o lúdico, o espontâneo, é substituído por uma razão mais racional de ser: fazer exercício para manter e adquirir saúde. Dos 10 / 14 anos, 69% apontam o argumento diversão. Acima dos 55, 41%.

Pela curva comportamental, o gosto pela prática do esporte diminui com o aumento da idade do brasileiro. Isto é, na medida em que ele mais precisa se cuidar, com o avanço da idade, perde em motivação. Isto é sério e significa que as políticas motivacionais, mediante anúncios dirigidos por faixas etárias, precisam ser tanto mais agressivas, candentes e

numerosas, quanto mais se dirigem a faixas etárias mais e mais elevadas (linha 3, tabela 9). Note-se que esta justificativa parte de 54% para a faixa de 10 / 14 anos, para os 34% acima de 55 anos.

Ou seja, a maioria absoluta da população gosta de esportes na idade jovem. Mas na medida em que faltam políticas motivantes e a idade passa, o gosto vai mudando. Como o ponto de início de motivação é alto, 54%, políticas corretas de mobilização esportiva popular poderiam manter e elevar este índice. Possível razão de queda é a falta de apoio à população mais idosa e carente, que então perde o impulso e a vontade de praticar.

A função comportamental “para manter a melhor saúde”, é correlacionada positivamente com o tempo, e sobe de 5% para 58% das respostas (linha 5, tabela 9).

Merece consideração a percepção da vontade de competir por idades. Nesta, o maior índice registrado foi na faixa dos 15 aos 24 anos, 9%, de onde emergem normalmente em maior número os atletas de alto rendimento. O formato desta função é claramente de um U invertido. Possui base pequena, pois na fase dos 10 / 14 anos, de 5%, os jovens parecem não ter desenvolvido um espírito competitivo maior; dispara para 9% entre os 15 e 24 e a seguir cai vagarosamente com o tempo.

Isto é, a escolha de atletas de alto rendimento há de se dar antes dos 10 anos; entre os 10 / 14 e sobretudo entre os 15 e 24 anos. O índice é bom e elevado entre nestas duas faixas, de 9% e 8% respectivamente.

TABELA 10 JUSTIFICATIVA DA PRÁTICA ESPORTIVA SEGUNDO A POSIÇÃO SÓCIO-ECONÔMICA DAS PESSOAS

MOTIVOS DA PRÁTICA ESPORTIVA, 2008	POSIÇÃO SOCIAL		
	BAIXA	MÉDIA	ALTA
Para fazer exercício físico	42	56	61
Para diversão e passar o tempo	63	48	54
Porque eu gosto de esporte	54	43	44
Para encontrar com amigos, colegas e fazer amizades	24	34	33
Para manter ou conquistar uma melhor saúde	11	22	29
Para manter a linha, ficar magro e esbelto	8	17	22
Porque ser fibroso e sem gordurinhas é prova de inteligência	0	0	2
Para escapar da rotina, da mesmice doméstica e profissional	9	5	2
Porque me une aos meus filhos, na prática em família do esporte	1	5	3
Porque vou me infiltrando na organização, para virar dirigente	0	1	2
Porque é lugar certo de paquera e o pessoal é mais bonito	5	3	3
Porque tenho muito o que contar em casa e divirto a família	1	4	3
Porque desde que voltei, melhorei de humor e saúde	6	10	8
Porque desde que voltei, meu desempenho sexual melhorou	2	5	4
Porque sai da rua, da casa-miséria onde vivo	6	0	0
Porque tem professores legais, que me tiraram da droga	7	2	3
Porque depois do volei / pelada / outro, tem um lanche legal	12	1	0
Porque papai e mamãe dizem que meu futuro é o esporte	7	2	0
Porque o clube / ginásio é bem melhor que minha casa	15	6	4
Porque eu gosto de competir	4	4	6
Amostra que declarou uma renda mensal: 1.747 entrevistados	972	573	202
Percentual de pessoas que declararam faixa de rendimento	55,63	32,8	11,56
Percentual de entrevistados que declarou algum rendimento, sobre o total de 2.000 pessoas			87,35

Observação: foram admitidas no máximo três respostas por pessoa.

Fonte: **IBCI - Institutional Business Consultoria Internacional - Diretoria de Pesquisas**.

A dimensão do esporte sob a ótica de seu valor explícito e de suas sutis e implícitas virtudes.

COMPLEMENTO TÉCNICO DA TABELA 10

Posição econômica definida pela renda bruta.

Definição por renda pessoal bruta mensal

RENDA	ANO		
	2008	2005	2000
ALTA (A)	> 3500,00	> 3250,00	> 3150,00
MÉDIA (m)	B<m<A	B<m<A	B<m<A
BAIXA (B)	< 920,00	< 780,00	< 700,00

Fonte: *IBCI - Institutional Business Consultoria Internacional - Diretoria de Pesquisas*.

A posição sócio-econômica das pessoas há de ter, supostamente, efeitos na prática esportiva. No caso particular da definição das pessoas por classes e faixas de renda, seria de se supor que quanto mais crescesse a renda, logo mais rica fosse uma pessoa, maior fosse a sua capacidade, possibilidade e vontade de preencher o tempo livre com alguma atividade esportiva. Ademais, que tem renda pode pagar mais modalidades, inclusive as de luxo, como hipismo, remo, vela ou golfe, que requisitam atividades com uma infra-estrutura específica e cara. Acresça-se que ter renda maior aumenta o acesso à informação, pois se pode investir mais em compra de jornais, revistas, televisão, CDs, viagens e outros meios que expandem o conhecimento.

Seria de se esperar que na sociedade pós-moderna, da informação, surgissem justificativas afeitas às informações dadas pela ciência moderna, pela pesquisa e inovação tecnológica da saúde recentemente divulgada e obtida pela mídia. Quanto mais informada, mais desenvolvida seria esta sociedade e teria meios mais adequados para se cuidar, se tratar, no sentido de praticar esportes com autonomia, pelas vantagens explicitadas e reconhecidas que ele oferece.

Este questionamento é apresentado mediante os resultados da tabela 10, que demonstra existirem significativos diferenciais para a prática esportiva no país, conforme a classe de renda. Enquanto a classe de renda baixa destaca o esporte para ter diversão e passar o tempo (63%); por gostar do esporte (54%); para fazer exercício (42%), a ordem se altera para a classe mais rica (54%; 44%; e 61% respectivamente).

Emerge com força das respostas a diferença motivacional por razões de renda: “papai e mamãe dizem que o meu futuro é o esporte” é lembrado por 7% das crianças e jovens pobres, ou de renda baixa, enquanto ninguém, ou 0% menciona isto na classe rica. Outro fosso evidente, é o que cita “porque o clube é bem melhor que minha casa”, onde 15% das pessoas pobres se afeiçoam à infra-estrutura e vida em área alheia à própria casa, em face de 4% entre os mais ricos. Ademais, o lanche, leia-se, a alimentação dada nos locais de treino e exercício físico, atrai as crianças pobres e 12% citam esta razão para fazer esportes, em face de 0% de respostas para este item entre os ricos.

Isto é, as crianças de baixa renda se dirigem positivamente aos locais nos quais é oferecido um alimento, um lanche. As pessoas são atraídas pela boca. Isto não acontece nas duas faixas de renda seguintes, abastadas, que asseguram para si as necessidades vitais.

Merece atenção analítica a justificativa que associa bons professores, à eliminação ou ao ato de evitar que se mesquem e atuem na droga. Sete por cento das respostas, provenientes das crianças de famílias de renda baixa, enxergam no esporte e no apoio

educacional associados, uma forma de sair da droga, portanto do narcotráfico e da onda de violência que a ela se associa nos tempos que correm.

A classe de renda média enxerga curiosamente duas outras relevantes vantagens na prática esportiva: a melhoria no seu estado de humor (10%) e no desempenho sexual (5%). Ademais, entende ser o esporte um elo que une pais e filhos, logo reforça as relações de família (5%).

TABELA 11 MOTIVOS DA PRÁTICA ESPORTIVA SEGUNDO O ESPORTE PRATICADO, 2008

MOTIVOS DA PRÁTICA ESPORTIVA	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
Por diversão e para passar o tempo	48	64	56	27	61	39	39	8	41	72	68
Para se encontrar com amigos e fazer amizades	23	48	21	16	28	12	22	7	17	9	11
Para fazer exercício físico	67	59	58	71	63	57	52	11	52	14	15
Para assegurar saúde e vitalidade	46	54	59	63	60	58	19	8	48	43	44
Porque o médico orientou	8	18	11	35	21	12	3	7	2	1	3
Porque eu gosto de esporte	36	37	45	32	29	28	12	4	14	9	22
Para manter a linha	9	18	20	26	17	19	16	3	9	7	5
Escapar da rotina e monotonia	14	22	17	11	14	12	12	19	11	12	18
Porque o sucesso é repetido e tenho alto rendimento	11	17	4	6	12	5	4	5	14	7	25
Porque eu gosto de competir	2	4	2	3	1	4	5	4	14	6	7
Para ter capacidade básica de autodefesa	2	1	2	3	0	2	0	3	38	0	1
Outra razão	2	1	2	2	1	1	1	1	3	1	2
Amostra de pessoas que declarou praticante: 1061	104	603	24	104	33	71	24	29	42	11	16
% sobre o total de 1061 pessoas	9,80	56,83	2,26	9,80	3,11	6,69	2,26	2,73	3,96	1,04	1,51

1	Natação e water-polo	6	Atletismo
2	Esportes com bola: vôlei; vôlei de praia; mini-vôlei; futebol; futsal; futebol de praias; basquete; minibasquete; handebol.	7	Tênis; pingue-pongue
3	Bicicleta recreacional	8	Aquáticos: remo; vela; scuba
4	Ginástica; Ginástica rítmica; Educação Física; Modelação	9	Artes Marciais
5	Esportes na natureza: montanhismo; excursionismo; trilhas; caminhadas	10	Hipismo
		11	Pesca esportiva

Observação: foram admitidas no máximo três respostas por pessoa.

Fonte: *IBCI - Institutional Business Consultoria Internacional - Diretoria de Pesquisas*.

TABELA 12 MOTIVOS PELOS QUAIS NÃO PRÁTICA NEM FAZ ESPORTE, 2005 - 2008

MOTIVOS PELOS QUAIS NÃO FAZ ESPORTE	ANO	
	2008	2005
Não tem tempo para o esporte	54	57
Não gosta do que é o esporte, muito movimento, agitação, gritaria	41	46
Pela idade	26	24
Por preguiça e descaso consigo mesmo	23	22
Por sair muito cansado do trabalho e dos estudos	22	20
Pela saúde fragilizada e debilitada, por fatores como acidentes	7	8
Não ensinarem na escola desde cedo, não formou o hábito	22	19
Não tem utilidades e benefícios que me convençam	21	24
Não tem instalações esportivas próximas onde trabalho, moro	17	17
Outras razões	3	3
Não tem instalações esportivas adequadas	7	7
Total de pessoas entrevistadas	2000	2000

Observação: foram admitidas no máximo três respostas por pessoa.

Fonte: *IBCI - Institutional Business Consultoria Internacional - Diretoria de Pesquisas*.

A dimensão do esporte sob a ótica de seu valor explícito e de suas sutis e implícitas virtudes.

Ao abrir-se por esporte específico a motivação da prática esportiva, escolheram-se 11 famílias de esportes principais, conforme mostra o quadro 11, na tabela de mesmo número. Ressalta-se que 56,83% dos respondentes entrevistados se declarou praticante semanal e ao menos duas vezes por duas horas, de esportes com bola.

A análise focará esta modalidade, posto que o Vôlei, o Vôlei de praia e o mini-vôlei se constituem em jogos com bola.

As motivações apontadas para o jogo de Vôlei estão na linha e são coerentes com as justificativas contidas nas tabelas anteriores, isto é, “por diversão e para passar tempo” – 64%; para fazer exercício – 59%; e para assegurar saúde e vitalidade – 54%. Destaca-se também o item “porque o sucesso é repetido e eu tenho alto rendimento” – 17%, o que leva a acreditar que a prática de Vôlei dá uma sensação de vitória, de sucesso, de coisa bem feita, de resultado glorioso, a quem o pratica.

Provável razão para esta sensação vitoriosa é dada por Marcos Chouin Varejão, ao ressaltar : “o negócio Vôlei que está por trás de tudo que se vê do esporte na mídia é o grande responsável pelo fato do Brasil ser uma das maiores potenciais mundiais da modalidade, com todas as seleções das diferentes categorias subindo ao pódio de qualquer competição internacional que participe” (IBEF, ano IV, Edição Especial).

Este é um assunto importante e a ressaltar: o Brasil vem apresentando resultados e vitórias de notório impacto internacional, especialmente no Vôlei e no Futebol. Como conseqüência, é natural que os brasileiros se motivem com os resultados obtidos nesses esportes. A capacidade brasileira de manter-se líder em esportes como o Vôlei mostra a capacidade de organização local, igual ou superior ao dos países mais desenvolvidos do mundo, por áreas específicas do esporte. Disseminar e aplicar para outras modalidades este saber não seria necessariamente complexo, bastaria uma questão de vontade e determinação política.

E advoga Varejão: “as medalhas olímpicas do Vôlei brasileiro são a conseqüência da competência de seus dirigentes, da dedicação de técnicos e atletas, de patrocínios e outras empresas que ligaram suas marcas e produtos à modalidade esportiva que enche os brasileiros de orgulho” (idem, citação IBEF, IV).

Uma vez analisadas as razões que levam à prática, merecem atenção aquelas que excluem a prática da rotina semanal das pessoas. Nisto constitui-se o resumo numérico da tabela 12. Mostra ela que as razões de não praticar são múltiplas, bastante egoístas e que com mais esclarecimento ao público, é possível combatê-las.

Em 2008, 54% das pessoas que não praticavam, “não tinham tempo para o esporte”. Ou seja, não nutrem prioridade pelo assunto e colocar outra atividade no lugar dele, no cronograma diário e semanal de atividades. Outros não gostam nem fazem esporte pelo “movimento, agitação, gritaria”. Abstraindo-se esta, pois no meio dos jogos, lutas ou confrontos pode haver certa animação e animosidade, que pode ser aceita até nas regras do jogo (em certos casos berrar e proibido, como no judô, mas no tênis os tenistas berram a cada saque e parecem soltar um som gutural e ventral a cada arremetida respondida), o que se conclui é que tem gente demais que não quer movimento físico.

Isto é sério, posto que a própria definição de esporte inclui a movimentação física. Significa que quem não quer fazer nem faz esportes, possui freqüentemente, infelizmente, uma preguiça grande para movimentar o corpo. Simplesmente, não querem movimentar o corpo, fazer esforço que gaste energias, faça vibrar e movimentar a ossatura e a musculatura.

Remanesce alto o índice daqueles que não acreditam nas vantagens do esporte. Em 2008, 21% dos respondentes declara que o esporte “não tem utilidades nem benefícios que me convençam”.

Efetivamente, campanhas de convencimento público, sobre as vantagens da prática esportiva, precisam ser feitas para tirar esta mentalidade retrógrada, antiquada, desinformada e ignorante o mais rápido possível do país, sob pena de se sustentar um grupo de pessoas que, por não saber da realidade, faz mal para si, e pelo custo público dos tratamentos em que incorre e incorrerá, faz pior ainda aos outros cidadãos, em especial aos contribuintes do fisco.

TABELA 13 - MOTIVOS PELOS QUAIS NÃO PRÁTICA, CONFORME A IDADE, ANO 2008

EM DADA FAIXA ETÁRIA, MOTIVOS PELOS QUAIS NÃO FAZ ESPORTE	IDADE						
	dez a 14	15-24	25-30	31-35	36-40	41-55	+55
Pelo fator idade	N.A.	N.A.	N.A.	11	16	49	68
Não gosta de praticar	49	43	38	37	37	33	33
Pela saúde	5	7	11	15	22	21	23
Não tem tempo e as prioridades são outras	N.A.	14	17	16	16	12	7
Por preguiça e descaso	N.A.	57	54	49	35	29	19
Não ensinaram na escola, logo falta o hábito	34	36	39	40	40	31	19
Os amigos propõem outras opções	7	5	5	4	2	2	1
Está muito cansado do trabalho / escola	16	19	18	17	17	14	4
Não tem utilidade e benefícios	N.A.	18	19	14	11	6	2
Não tem instalações perto	18	17	17	18	15	15	14
Porque se decepcionou com os colegas	16	14	10	7	1	1	1
Porque se decepcionou com os dirigentes	N.A.	3	3	2	2	3	1
Porque as instalações eram precárias, sujas	8	7	7	6	6	2	2
Porque a mensalidade é cara	N.A.	27	28	22	16	5	4
Porque o transporte é caro	26	22	20	17	15	11	11
Porque falta material, uniforme, bola, rede, etc.	22	19	18	14	14	11	9
Não tem instalações adequadas	8	9	8	10	10	6	6
Total da amostra entrevistada: 2000 pessoas	420	380	320	240	230	210	200
Porcentagem por faixa etária, na amostra de 2000	21,00	19,00	16,00	12,00	11,50	10,50	10,00

Observação: foram admitidas no máximo três respostas por pessoa.

Fonte: **IBCI - Institutional Business Consultoria Internacional - Diretoria de Pesquisas**.

A tabela 13 apresenta dados complementares à tabela 12, sobre motivações para a não prática do esporte. No plano geral, quando isto sucede, as gerações respondem não praticar por não gostar de esportes, com menção entre 33% e 49% das respostas.

TABELA 14 TEMPO QUE DEDICOU À PRÁTICA ESPORTIVA ANTES DE ABANDONÁ-LA, 2005-2008

Percentual de entrevistados que praticou e abandonou PRATICOU ESPORTE POR QUANTO TEMPO	ANO	
	2008	2005
Menos de 1 ano	6	5
Entre 1 e 2 anos	14	13
Entre 3 e 4 anos	15	14
Entre 5 e 6 anos	5	6
Entre 7 a 10 anos	4	4
Entre 11 a 15 anos	3	3
Entre 16 e 25 anos	6	6
Acima de 26 anos e não quer parar	10	9
Não pratica nem nunca praticou	17	21
Nunca praticou para valer, foi coisa de colégio ginásial	20	19
Porcento da amostra	100	100

Observação: foi facultada apenas uma única resposta por entrevistado.

Fonte: **IBCI - Institucional Business Consultoria Internacional - Diretoria de Pesquisas**.

TABELA 15 DISPOSIÇÃO PARA VOLTAR A PRATICAR ESPORTE, 2005-2008, em %.

VOLTAR A PRATICAR POR VONTADE PRÓPRIA	ANO	
	2008	2005
Sim, com certeza, quero praticar	11,00	13,00
Provavelmente sim, se me conscientizar em dar nisso a prioridade	25,00	24,00
No presente momento, não sabe	12,00	11,00
Provavelmente não vai praticar, porque a disposição é baixa	9,00	8,00
Certamente que não voltará a praticar	19,00	21,00
Não retorna embora queira muito e sabe que é vital à saúde	9,00	7,00
Quer voltar sim, mas é volúvel e ora faz, ora pára	13,00	13,00
A vontade é dada pelo empurrão do médico, que estimula	2,00	3,00
Total de pessoas que responderam	378	369
Porcentagem	100,00	100,00

Observação: foi facultada apenas uma única resposta por entrevistado.

Fonte: **IBCI - Institucional Business Consultoria Internacional - Diretoria de Pesquisas**.

O tempo medido em anos de prática esportiva antes de abandoná-la é apresentado na tabela 14. Não se fez distinção entre práticas voluntárias – afeitas à decisão individual e estrita da pessoa, e práticas obrigatórias, aquelas que se fazem por dever, como o esporte incluído na grade curricular de certas escolas e academias, as orientações médicas compulsória e afins.

Embora no ano de 2008 havia 35% das pessoas que tinha praticado até 4 anos de esportes, observa-se que o tempo de prática é curto, a considerar a expectativa de vida de 71 anos. Isto significa que se necessita de campanhas que mobilizem a população à continuidade. Existe um problema aparente de descontinuidade da prática esportiva, assunto que seria melhor deslindado caso futuramente se abrisse a informação com a discriminação de respostas para a pergunta: “com que idade paraste de praticar”.

Como complemento da anterior, a tabela 15 mostra que 36% da população que não pratica quer votar à prática do esporte, o que é alvissareiro. Talvez um alerta a mais, uma chamada sutil e estas pessoas se habilitam a retornar à saudável atividade esportiva.

TABELA 16 MOTIVOS PELOS QUAIS A PRÁTICA ESPORTIVA É ABANDONADA, 2005-2008, em %.

MOTIVOS DO ABANDONO DA ATIVIDADE ESPORTIVA	ANO	
	2008	2005
Sair muito cansado e tarde do trabalho com a labuta cedo amanhã	52	51
Por preguiça e descanso voluntário	27	25
Pela saúde: o médico contraindicou dada a fraqueza pessoal	1	1
Pela idade	23	21
Por lesões, fraturas e escoriações geradas pelo próprio esporte	12	14
Exigência demasiada nos estudos e preciso de tempo para estudar	8	7
Falta de apoio e estímulo: grana curta; taxa de prática alta	18	16
Não tem instalações esportivas perto	14	14
Por falta de tempo e não é uma prioridade pessoal	17	19
Não tem instalações esportivas adequadas	16	17
Não gosta de fazer esporte. Prefere ver na televisão	33	34
Por falta de dinheiro; por ganância da academia, aumenta preços	13	11
Os amigos não fazem esporte nem a namorada ou companheira	8	9
Se desentendeu com o treinador; os juizes ou os diretores	2	2
Seus pais não deixam	2	3
Criança pequena em casa: virou babá	2	2
Não vê utilidades nem benefícios nessa prática	16	17
Apareceu coisa melhor, como cinema, teatro, namoro, viagens	5	5
Outras razões	2	2
Total de pessoas que responderam	1442	1406

Observação: foram admitidas no máximo três respostas por pessoa.

Fonte: **IBCI - Institucional Business Consultoria Internacional - Diretoria de Pesquisas.**

Os motivos do abandono da atividade esportiva foram sumarizados mediante a tabela 16, onde certas “desculpas” soam populares e repetitivas, a saber: “por sair muito cansado e tarde do trabalho, com a labuta cedo de manhã” – 52% das respostas; e “prefere ver a televisão” – 33%.

As tabelas a seguir complementam e especificam este estudo. Mediante elas, numeradas de 17 a 22, detalha-se a amostra que foi levantada no Brasil, aberta por macroregião e por sexo.

TABELA 17 AMOSTRA ENTREVISTADA POR MACROREGIÃO DO BRASIL

Amostra total: 2.000 (duas mil) pessoas.

Macroregião	2008	2005	2000
Norte	61	58	55
Nordeste	539	515	502
Centro-Oeste	136	130	124
Sudeste	868	870	874
Sul	396	427	445
Total	2000	2000	2000

Fonte: **IBCI - Institutional Business Consultoria Internacional - Diretoria de Pesquisas**.

TABELA 18 AMOSTRA MASCULINA ENTREVISTADA POR MACROREGIÃO DO BRASIL

Amostra masculina: 970 homens entre 10 e 91 anos.

Macroregião	2008	2005	2000
Norte	28	27	27
Nordeste	258	254	251
Centro-Oeste	65	65	60
Sudeste	478	476	501
Sul	141	148	131
Total	970	970	970

Fonte: *IBCI - Institutional Business Consultoria Internacional - Diretoria de Pesquisas*.

TABELA 19 AMOSTRA FEMININA ENTREVISTADA POR MACROREGIÃO DO BRASIL

Amostra feminina: 1030 mulheres entre 10 e 94 anos

Macroregião	2008	2005	2000
Norte	33	31	28
Nordeste	281	261	251
Centro-Oeste	71	65	64
Sudeste	390	394	373
Sul	255	279	314
Total	1030	1030	1030

Fonte: *IBCI - Institutional Business Consultoria Internacional - Diretoria de Pesquisas*.

TABELA 20 AMOSTRA ENTREVISTADA POR MACROREGIÃO DO BRASIL em %.

Amostra total: 2.000 (duas mil) pessoas.

Macroregião	2008	2005	2000
Norte	3,05	2,90	2,75
Nordeste	26,95	25,75	25,10
Centro-Oeste	6,80	6,50	6,20
Sudeste	43,40	43,50	43,70
Sul	19,80	21,35	22,25
Total	100	100	100

Fonte: *IBCI - Institutional Business Consultoria Internacional - Diretoria de Pesquisas*.

TABELA 21 AMOSTRA MASCULINA ENTREVISTADA POR MACROREGIÃO DO BRASIL em %.

Amostra masculina: 970 homens entre 10 e 91 anos.

Macroregião	2008	2005	2000
Norte	2,89	2,78	2,78
Nordeste	26,60	26,19	25,88
Centro-Oeste	6,70	6,70	6,19
Sudeste	49,28	49,07	51,65
Sul	14,54	15,26	13,51
Total	100	100	100

Fonte: *IBCI - Institutional Business Consultoria Internacional - Diretoria de Pesquisas*.

TABELA 22 AMOSTRA FEMININA ENTREVISTADA POR MACROREGIÃO DO BRASIL em %.

Amostra feminina: 1030 mulheres entre 10 e 94 anos

Macroregião	2008	2005	2000
Norte	3,20	3,01	2,72
Nordeste	27,28	25,34	24,37
Centro-Oeste	6,89	6,31	6,21
Sudeste	37,86	38,25	36,21
Sul	24,76	27,09	30,49
Total	100	100	100

Fonte: *IBCI - Institutional Business Consultoria Internacional - Diretoria de Pesquisas*.

Conclusões.

A presente pesquisa de campo procurou mostrar de que modo, em que modalidade esportiva, sob qual regime de razões motivacionais ou de rejeição, pratica-se ou não ou esporte no Brasil, no período 2000 / 2008.

Os cortes temporais de 2000, 2005 e 2008 insinuam, à luz da brevidade de tempo transcorrido, um leve e ligeiro movimento tendencial a favor da consciência da importância da prática esportiva a favor da saúde, do equilíbrio psico-motor, da harmonização dos elementos do corpo / mente e espírito. Isto é, o brasileiro urbano está de fato praticando mais esporte.

Contudo, há um índice excessivamente elevado de não praticantes, de despreocupados consigo mesmos e de praticantes por razões de pobreza, que ainda não entenderam a verdadeira dimensão do esporte.

No interior do país, nas regiões mais pobres e nas áreas de baixa renda, a população se ressentida das poucas opções e das dificuldades de prática. Nas grandes cidades, a infraestrutura básica está montada e atende bem o perfil das alta e média renda. Mas não chega em suficiência à baixa renda, sobretudo onde ela mora e passa seu fim de semana.

Há, portanto, um amplo conjunto de medidas públicas e privadas a adotar nos próximos anos, apontadas e sugeridas também ao longo deste estudo, para que se otimize realmente a

favor da população a oferta de lazer, serviços e infra-estrutura esportiva e práticas esportivas em geral.

Bibliografia e referências técnicas.

- Bréchon, Pierre; Les Grands courants de la sociologie; Saint martin D'Hères; PUG 2000; Presses Universitaires de Grenoble; France; 2000.
- British Parliament; Health, Education and Public Policies; 2007.
- Calendário Esportivo Nacional; Esporte de Base e Alto Rendimento; Descoberta do talento Esportivo; Lei de Incentivo ao Esporte; Ministério do Esporte; www.portal.esporte.gov.br; 2008.
- Cohen, R. e P. Kennedy; Global Sociology; New York; Palgrave; 2000.
- Cordellier, Serge e Didiot, Beatrice; L'Etat du Monde, 2001: annuaire économique et geopolitique mondial (20ème édition); Paris; La Découverte; 2000.
- Dossier Esporte – Um estudo sobre o esporte na vida do brasileiro; Ipsos Marplan – Media Research; O PIB do Esporte; 2006.
- Dumazedier, J.; Metamorfosis del trabajo y surgimiento de una sociedad del tiempo libre; em: Propuestas. Ócio y Desarrollo Humano, 6º Congreso Mundial de Ócio, Bilbao, Universidad de Deusto.
- Ellul, Jacques, introdução de Merton, Robert K.; The Technological Society; Vintage Books; New York; 1964.
- Ferrando, Manuel García; Deporte y Sociedad; Madrid; Ministério de Cultura; 1982
- Ferrando, Manuel García, Encuesta de hábitos deportivos de los españoles, 2005; Universidad de Valencia; Consejo Superior de deportes; 23 de enero de 2006.
- Golan, Ralph; Optimal Wellness; Ballantine Books; New York; 1995.
- Graça, Ary; O processo de gestão profissional do vôlei e do esporte; Depoimentos empresariais; Experiências vivenciais; in Case Studies – Revista Brasileira de Management; FGV - Management; ano X; 2004.
- Gratton, C.; El Proyecto COMPASS; Investigación en Ciencias del Deporte; n. 24; 1999.
- Greenfeld, L.; Nationalism: Five Roads to Modernity; Cambridge; MA.; Harvard University Press.
- Heinemann, K.; El Deporte como consumo; Apuntamientos; 1994.
- Inglehart, Ronald; Modernización y post-modernización. El cambio cultural, económico y político en 43 sociedades, Madrid; CIS / Siglo XXI; 1998.
- Jamet, Michel; Changing Patterns of sporting practice in France; Sociology of Sport; 1998.
- Johnson, Timothy; Call Guide to men's health; Hyperion; New York; 2002.
- Kasznar, Istvan K. e Bayma, Fátima; Saúde, Previdência e Assistência Social – Desafios e propostas para uma sociedade mais justa e moderna; MBooks do Brasil Editora; 2005.
- Kasznar, Istvan e Graça F., Ary; O Esporte como Indústria: Solução para Criação de Riqueza e Emprego; Color Graf e Mundi Eventos; 1999.
- Kasznar, Istvan e Graça F., Ary; Estratégia Vitoriosa de Empresa, segundo seus personagens; MBooks do Brasil Editora; 2006.
- Kasznar, Istvan e Graça, Ary; Emigração e êxodo de atletas; Artigos técnicos do Voleibol; CBV – Confederação Brasileira de Voleibol; www.volei.org.br; 2008.
- Kasznar, Istvan; Os hábitos dos empresários brasileiros na era da tecnologia moderna: impactos em políticas de RH; Cadernos Especiais do NESPAS – Núcleo de Estudos da Saúde, da Previdência e da Assistência Social – EBAPE / FGV; n. 11, v. 4, abril de 2005.
- Kotler, Philip; Planejamento de Marketing; Editora Atlas; 2001.
- McNall Burns, Edward; Lerner, Robert and Meacham, Standish; Western Civilizations; Ninth Edition; W. W. Norton & Company, Inc.; 1980.
- Ortega y Gasset, J.; Origen Deportivo del Estado; Obras completas; Madrid; Revista del Occidente; 1966.
- Paul, Gustavo; Vivendo mais e mal; Caderno Economia; O GLOBO; 22 de setembro de 2008.
- Reich, Robert B.; O trabalho das Nações: preparando-nos para o capitalismo do século 21; Educator; São Paulo; Brasil; 1994.
- Seaman, L.C. B.; A New History of England; Macmillan Publishers Limited; 1982.
- Silk, M.; Local, global flows and altered production practices; Sociology of Sport; 1999.

Simonsen, Mário Henrique; Microeconomia – volumes I, II e III; Editora da Fundação Getúlio Vargas – FGV; 1981.

Sue, Roger; El ocio; México; Fondo de Cultura Económica; 1982.

Varejão, Marcos Chouin; Vôlei S. A.: Editorial, em Vôlei do Brasil: um negócio de ouro; Revista IBEF; ano IV, edição especial: olimpíadas; 2008.

World Bank; Brazil: How to revitalize infrastructure investments – Public policies for better private participation; Report n. 36624-BR; January 10, 2007.

World Health Organization – WHO / OMS; Closing the gap in a generation; Commission on Social Determinants of Health; CSDH; 2008.